

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

LÍVIA MARIA ARAÚJO NORONHA DE OLIVEIRA

**CIÊNCIA, RELIGIÃO E ILUSÃO NO DISCURSO FREUDIANO: UMA LEITURA
FILOSÓFICA DE O FUTURO DE UMA ILUSÃO.**

Pará
2014

LÍVIA MARIA ARAÚJO NORONHA DE OLIVEIRA

**CIÊNCIA, RELIGIÃO E ILUSÃO NO DISCURSO FREUDIANO: UMA LEITURA
FILOSÓFICA DE O FUTURO DE UMA ILUSÃO.**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

LÍVIA MARIA ARAÚJO NORONHA DE OLIVEIRA

**CIÊNCIA, RELIGIÃO E ILUSÃO NO DISCURSO FREUDIANO: UMA LEITURA
FILOSÓFICA DE O FUTURO DE UMA ILUSÃO.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Mestrado em Filosofia PPGFIL/UFPA, como requisito para obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Maurício Rodrigues de Souza

Área de concentração: Filosofia Contemporânea.

Belém, Pará
2014

LÍVIA MARIA ARAÚJO NORONHA DE OLIVEIRA

**CIÊNCIA, RELIGIÃO E ILUSÃO NO DISCURSO FREUDIANO: UMA LEITURA
FILOSÓFICA DE O FUTURO DE UMA ILUSÃO.**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Filosofia, Mestrado em Filosofia PPGFIL/UFPA, como requisito para obtenção do título de Mestre em Filosofia. Área de Concentração: Filosofia Contemporânea

Aprovada em : ____/____/____

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Maurício Rodrigues de Souza

Orientador

Prof. _____

Membro da Banca

Prof. _____

Membro da Banca

Belém, Pará
2014

À minha mãe, Raimunda Noronha

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Maurício Rodrigues de Souza, pela generosidade e atenção.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, pela bolsa de pesquisa que financiou este trabalho. Ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia – PPGFIL da Universidade Federal do Pará e seu corpo docente. À coordenação do PPGFIL. À todos os meus colegas da primeira turma do Mestrado em Filosofia – UFPA e do PPGP – UFPA , pelas indicações de leituras e pelas conversas produtivas, em especial, Ronney (querido amigo que conheci na seleção para a formação da primeira turma), Charleston (amigo com quem dividi a experiência da graduação e da pós-graduação), Joel, Arlene, Allan e Amanda.

Ao Ernani Chaves, pela generosidade e carinho de sempre, pelos primeiros e importantíssimos incentivos.

Ao pequeno grupo de amigos fidelíssimos, formado no ensino médio e nos primeiros anos de graduação, pela amizade, pelos ouvidos sempre atentos e pela companhia nas aventuras pela Filosofia, Literatura, Psicanálise, Política e Antropologia: Rafael, Bianca, Orleânia, Edne, Evileny , Mayda, Hellen, Darwin e Andressa (companheira das horas de estudo e desespero). E especialmente à amiga Waldinett Torres, pela tradução importantíssima.

Aos meus mestres/amigos que me pegaram pela mão para que eu desse os primeiros passos rumo à Filosofia, e cujo incentivo e admiração me impulsionaram e fortaleceram nos últimos meses de trabalho, em especial Maura e Rogério Ataíde e Sandro Morais.

Ao meu noivo Mário por todo carinho, paciência, cuidado, amizade, pelos diálogos, leituras em dupla, discussões que tanto contribuíram para a escrita desta

dissertação. E principalmente, pela dedicação e força que me fizeram continuar caminhando diante das adversidades.

À minha mãe, pelo amor e cuidado inestimáveis, pela atenção para acompanhar cada pequeno artigo, resumo, palestra, e por ter sido sempre minha maior incentivadora.

À minha irmã Janaína Noronha, por todo apoio e auxílio. À Suellen, minha filha do coração, que me ajudou a ser mais forte e continuar. E a toda família Noronha, pela presença e pela força.

À todos que mencionei e aos que esqueci de mencionar, muito obrigada, sem a presença de vocês, todo trabalho seria mais difícil e cada adversidade mais pesada.

Obrigada!

O que é a verdade, portanto? Um batalhão de metáforas, metonímias, antropomorfismos, enfim, uma sombra de relações humanas, que foram enfatizadas poética e retoricamente, transpostas, enfeitadas, e que, após longo uso, parecem a um povo sólidas, canônicas e obrigatórias: as verdades são ilusões, das quais se esqueceu que o são, metáforas que se tornam gastas e sem força sensível, moedas que perderam sua efígie e agora só entram em consideração como metal, não mais como moedas.

(Friedrich Nietzsche)

Ciência, religião e ilusão no discurso freudiano: uma leitura filosófica de O Futuro de Uma Ilusão.

RESUMO

Em sua obra de 1927, O futuro de uma Ilusão, Freud tenta de uma maneira geral fundamentar a função das crenças religiosas no psiquismo humano e desmistificá-las como capazes de apreender a realidade. Para ele, a origem psíquica das ideias religiosas é a ilusão, que está profundamente ligada com a repressão dos desejos humanos e a negação dos mesmos, que se dá na civilização. Freud não pretende examinar o valor de verdade das doutrinas religiosas, mas afirma que elas, em sua natureza psicológica, não passam de ilusões. Trata-se de ajustar-se à realidade com o objetivo da busca de felicidade. Para ele tal tarefa deve ser fruto da ciência, não da religião. Freud ressalva que a religião é apenas uma etapa do processo evolutivo humano. Nota-se que Freud foi amplamente influenciado pelo forte valor que o positivismo possuía em sua época. Assim, defendia que a única maneira de se chegar à verdade era através da racionalidade. Nosso trabalho pretende, portanto, analisar o discurso cientificista freudiano, na sua relação com a religião compreendida como ilusão, a partir de uma leitura filosófica de O Futuro de Uma Ilusão e levando sempre em consideração a influência dos ideais iluministas sobre o pensamento de Freud e sua obra.

Palavras-chave: religião, ciência, ilusão.

Science, religion and illusion in the Freudian discourse: a philosophical reading of " The Future of an Illusion" .

ABSTRACT

In his book of the 1927 "The Future of an Illusion" Freud tries in a broader manner, support the function of religious beliefs in the human psyche and demystify them as capable of apprehending reality. For him, the psychic origin of religious ideas is the illusion, which is deeply connected with the repression of human desires and the negation thereof, which occurs in civilization. Freud does not intend to examine the truth value of religious doctrines, but states that they, in their psychological nature, they are illusions. It is the adjustment of reality to promote the pursuit of happiness. Freud points out that religion is only one stage of the human evolutionary process. It is noted that Freud was largely influenced by the strong value that positivism had in his time, thus, he defended that the only way to get at the truth was through rationality. Our work aims therefore to analyze the Freudian scientist discourse, in its relation to religion understood as illusion, from a philosophical reading of " The Future of an Illusion " and always taking into account the influence of Enlightenment ideals on the thought Freud and his work.

Keywords : religion, science , illusion

SUMÁRIO:

INTRODUÇÃO.....	13
1. CAPÍTULO I: A VIENA DE FREUD.....	21
1.1. A VIENA DOS ANOS DE FORMAÇÃO DE FREUD.....	23
1.2. CONTEXTO CULTURAL DO FIM DO SÉCULO XIX.....	27
1.3. FREUD E VIENA: RELATOS DE UMA AMBIVALÊNCIA.....	30
2. CAPÍTULO II: FREUD <i>AUFKLÄRER</i>.....	36
2.1. ELEMENTOS DO ILUMINISMO.....	37
2.1.1. FREUD E KANT.....	39
2.1.2. KANT, FREUD E O ILUMINISMO.....	41
2.2. RELAÇÃO ENTRE FREUD E FEUERBACH.....	45
2.1.3. RELIGIÃO COMO ILUSÃO: RESSONÂNCIAS DO PENSAMENTO FEUERBACHIANO NA OBRA DE FREUD.....	46
2.1.4. O CONCEITO DE ILUSÃO EM FREUD.....	52
2.2. FREUD ENTRE A CIÊNCIA E A FILOSOFIA.....	58
3. CAPÍTULO III: O FUTURO DE UMA ILUSÃO E A ILUSÃO DESTE FUTURO.....	63
3.1. CONTEXTO HISTÓRICO DE O FUTURO DE UMA ILUSÃO.....	64
3.2. FREUD: “UM JUDEU SEM DEUS”.....	67
3.3. FREUD X PFISTER: O DIÁLOGO ENTRE O <i>AUFKLÄRER</i> E O PASTOR....	71
3.4. A INSERÇÃO DE O FUTURO DE UMA ILUSÃO NA OBRA FREUDIANA.....	78

3.4.1. ANTECEDENTES DE O FUTURO DE UMA ILUSÃO: O PROJETO DE AFASTAMENTO DA FILOSOFIA.....	78
3.4.2. A DÉCADA DA PUBLICAÇÃO DE O FUTURO DE UMA ILUSÃO.....	80
3.4.3. ESCRITO APÓS O FUTURO DE UMA ILUSÃO: A QUESTÃO DE UMA WELTANSCHAUUNG.....	81
3.5. O FUTURO DE UMA ILUSÃO: APONTAMENTOS FINAIS.....	85
4. CONCLUSÃO.....	92
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	96

INTRODUÇÃO

Freud, em *O Futuro de uma Ilusão*, tenta de uma maneira geral fundamentar a função das crenças religiosas no psiquismo humano e desmistificá-las como capazes de apreender a realidade. Para ele, a origem psíquica das ideias religiosas é a ilusão. A ilusão está profundamente ligada com a repressão dos desejos humanos e a negação dos mesmos, que se dá na civilização. Assim, as ideias religiosas são produtos da civilização:

A religião, é claro, desempenhou grandes serviços para a civilização humana. Contribuiu muito para domar os instintos sociais. Mas não o suficiente. Dominou a sociedade humana por muitos milhares de anos e teve tempo para demonstrar o que pode alcançar. Se houvesse conseguido tornar feliz a maioria da humanidade, confortá-la, reconciliá-la com a vida, e transformá-la em veículo de civilização, ninguém sonharia em alterar as condições existentes (Freud, 1927/1978, p.112).

Freud não pretende examinar o valor de verdade das doutrinas religiosas, mas apenas afirma que elas, em sua natureza psicológica, não passam de ilusões. Trata-se de ajustar-se à realidade com o objetivo da busca de felicidade. Para ele tal tarefa deve ser fruto da ausência, não da religião. Porém, a ausência de respostas tranquilizadoras baseadas na razão sobre o sentido da vida humana, sua origem e finalidade, leva o homem a procurar respostas fundamentadas na emoção, na fé, nas religiões. Tenta-se explicar a origem e o futuro construindo esquemas que proporcionem uma maior tranquilidade frente a esse desconhecido. E a incerteza é substituída por uma ilusória segurança. De acordo com Freud (1927/1978, p.123):

Os homens não estão totalmente desamparados, pois seu conhecimento científico lhes ensinou muito, desde os dias do Dilúvio, e aumentará seu poder ainda mais. E quanto às grandes necessidades do Destino, contra as quais não há remédio, aprenderão a suportá-las com resignação.[...]. Afastando suas expectativas em relação a um outro mundo e concentrando todas as energias liberadas em sua vida na Terra, provavelmente conseguirão alcançar um estado de coisas em que a vida se tornará tolerável para todos e a civilização não mais será opressiva para ninguém.

Freud (1927/1978) adverte, porém que as ideias religiosas, apesar de serem da ordem das ilusões, não são erros. Embora essas ideias aproximem-se de delírios, diferem desses últimos pelo fato de terem como fator essencial a contradição com a realidade. Elas são ilusões na medida em que se originam do desejo humano. É justamente na intensidade dos desejos que reside a força das ilusões:

Se a ilusão alimenta-se do desejo não parece muito lógico que Freud – que durante toda a vida dedicou-se a ressaltar a primazia da pulsão sobre o pensamento e as dificuldades que surgem quando os desejos pelos quais a pulsão se expressa são rechaçados – apresenta-se agora como um defensor da realidade e da razão. Freud coloca essa questão na boca de seu interlocutor imaginário, convertendo-o assim num mal conhecedor de sua própria doutrina. (MORANO, 2003, p. 145)

A religião é uma ilusão consoladora, dá aos homens as respostas que ele quer ouvir, promete paraísos após a morte e ainda dita regras em um meio no qual a ciência não intervém, o moral. No entanto, Freud ressalva que a religião é apenas uma etapa do processo evolutivo humano:

A longo prazo, nada pode resistir à razão e à experiência, e a contradição que a religião oferece a ambas é palpável demais. Mesmo as ideias religiosas purificadas não podem escapar a esse destino, enquanto tentarem preservar algo da consolação da religião. Indubitavelmente, se confinarem à crença num ser espiritual superior, cujas qualidades sejam indefiníveis e cujos intuítos não possam ser discernidos, não só estarão à prova do desafio da ciência, como também perderão sua influência sobre o interesse humano. (1927/1978, p.126)

Nota-se que Freud foi amplamente influenciado pelo forte valor que o positivismo possuía em sua época. Assim, defendia que a única maneira de se chegar à verdade era através da racionalidade. Segundo Rouanet (2000):

Freud é o último e o mais radical dos irracionalistas e situa-se na linhagem direta do racionalismo iluminista. Sua divisa poderia ser a do Iluminismo: *sapere aude!* Ousa servir-te de tua razão! Mas seu racionalismo vai mais longe que o do Iluminismo. Pois este se limitava a dizer que o homem já era, de saída, racional e, por desconhecer os limites da razão, deixava o homem indefeso diante da desrazão. Freud descobriu esses limites e com isso armou o homem para a conquista da razão: ela não é um ponto de partida, mas um ponto de chegada. “A voz da inteligência é pouco audível”, diz ele, “mas não repousa enquanto não for escutada [...] (p. 143)

Freud precisava evocar o discurso neopositivista, que diferenciava os enunciados científicos dos filosóficos pela verificação, e que se constitui na Viena e no contexto histórico em que Freud inicia sua vida acadêmica e que inaugura a psicanálise. Tal discurso pertencia ao ideário neopositivista de ciência, tecido pelo Círculo de Viena, e era dele que o discurso freudiano deveria se aproximar para conseguir instituir a psicanálise como ciência e não como filosofia.

Quando Freud chega a Universidade de Viena, em 1873, encontra forte influência iluminista sobre os que integravam a instituição. O cientificismo imperava

na comunidade acadêmica vienense. Os autores iluministas fascinavam os jovens universitários, que iniciavam a carreira acadêmica.

Com Franz Brentano, na Universidade, Freud estudou alguns dos clássicos autores da filosofia. E é possível notar a influência de alguns pensadores iluministas – que já haviam se dedicado ao estudo do problema da religião – sobre Freud, dentre eles podemos citar: Spinoza, Voltaire, Diderot, Darwin, Feuerbach. Em especial, Darwin e Feuerbach influenciaram fortemente o pensamento freudiano, de forma que podemos ver ressonâncias de seus pensamentos em determinadas obras de Freud.

De acordo com Peter Gay (2010, p.43), **Feuerbach foi o filósofo que Freud mais admirou em sua vida. Eles dois não possuíam em comum apenas a visão crítica refinada do fenômeno religioso, mas também uma posição contestadora da filosofia.**

Assim como para Feuerbach, para Freud, a origem da religião está no desamparo humano diante da natureza, de possíveis catástrofes, das doenças e da morte, que além de imprevisíveis são “irremediáveis”.

Para Feuerbach: **“A consciência de Deus é a consciência que o homem tem de si mesmo, o conhecimento de Deus o conhecimento que o homem tem de si mesmo [...] Deus é a intimidade revelada, o pronunciamento do Eu do homem; a religião é um revelação solene das preciosidades ocultas do homem, a confissão dos seus mais íntimos pensamentos, a manifestação pública dos seus segredos de amor” (1997, p. 55). O filósofo concebe a religião como manifestação do conhecimento que o homem nutre por si mesmo. Desta forma, Deus traria em si a essência de um antropomorfismo e a religião é uma “invenção humana”, representa uma projeção à imagem do homem.**

Aliás, de acordo com Peter Gay: “Um herdeiro do Iluminismo do século XVIII como Freud necessariamente encontraria muitos motivos de admiração em Feuerbach, intelectualmente o mais vigoroso entre os hegelianos de esquerda.

Feuerbach havia cultivado um estilo depurado das áridas abstrações que desfiguravam a prosa acadêmica alemã, e uma postura combativa que encantava, ou amedrontava, seus leitores ao brandir armas contra os “juízos tolos e pérfidos” de seus detratores.” (GAY, 2010, p. 43).

Feuerbach afirma que a ilusão da religião consiste em eliminar a oposição (e o contraste) entre o humano e o divino. As qualidades divinas (ou atributos) passam a ser iguais às qualidades humanas. Freud porém, vai além destas constatações identificando a figura de um pai na imagem de Deus, tal identificação deriva do desejo humano de proteção e responde ao anseio pelo pai, resquício da experiência primária de desamparo, já identificada em *Preleções Sobre a Essência da Religião*, de Feuerbach.

Sabe-se que, para Freud, embora as ideias religiosas aproximem-se de delírios, diferem desses últimos pelo fato de terem como fator essencial a contradição com a realidade. Elas são ilusões na medida em que se originam do desejo humano:

Desmascarar as ideias religiosas como ilusões não é necessariamente negar-lhes qualquer validade. Freud distinguiu enfaticamente entre ilusão e delírios: a primeira é definida não por seu conteúdo, mas por suas fontes. “O que as mantém características das ilusões é sua derivação a partir de desejos humanos”. Elas podem até se tornar verdadeiras; [...]Mas as ilusões tais como a crença de que o Messias virá para estabelecer uma idade dourada, são muito menos prováveis e se aproximam do pensamento delirante. (GAY, 2010, p. 482)

O conceito de ilusão em Freud é marcado pelo componente “realização de desejo”, porque as ilusões, como foi dito, sempre expressam um desejo. Por causa disso, considera-se coerente a ideia de que a problemática da ilusão já se faz presente no texto freudiano desde o final do século XIX, mais especificamente na *Interpretação dos Sonhos*.

A ilusão é também, talvez, o único argumento psicanalítico utilizado por Freud na obra aqui estudada. O *Futuro de Uma Ilusão* não traz a posição da psicanálise com relação à religião, mas a posição do próprio Freud, indicando as leituras que influenciaram seu pensamento. Em uma carta de 26 de novembro de 1927, Freud, escreve que “as opiniões contidas no trabalho não constituem partes integrantes do edifício doutrinário da psicanálise” e que se utilizou “certos argumentos psicanalíticos – na verdade apenas um – isso não deve impedir ninguém de utilizar a mesma metodologia imparcial para analisar as opiniões contrárias”. (FREUD, E. L., MENG, H., 1988, p. 156)

Buscamos compreender em nossa dissertação os aspectos mais filosóficos suscitados pela discussão, entre religião e ciência, na qual se insere o problema da ilusão na obra de 1927. Nesta obra, Freud não se interessa simplesmente pelo problema das origens da fé, mas, como ele mesmo dirá em *O mal-estar na civilização*, pelo que o homem concebe como religião:

Em meu trabalho *O Futuro de uma Ilusão* [1927], estava muito menos interessado nas fontes mais profundas do sentimento religioso do que naquilo que o homem comum entende como sua religião - o sistema de doutrinas e promessas que, por um lado, lhe explicam os enigmas deste mundo com perfeição invejável, e que, por outro, lhe garantem que uma Providência cuidadosa velará por sua vida e o compensará, numa existência futura, de quaisquer frustrações que tenha experimentado aqui. (1974, p. 92)

Este trabalho pretende, portanto, analisar o discurso cientificista utilizado por Freud na sua relação com o problema da religião e o conceito de ilusão no livro *O Futuro de uma Ilusão*, a partir de uma leitura filosófica da referida obra, levando sempre em consideração a influência dos ideais iluministas sobre Freud refletidos em seu discurso e em sua posição cientificista. E assim, “ler Freud como se lê um filósofo, buscando as articulações dos seus conceitos e a lógica subterrânea que comanda a sua produção” (MEZAN, 1982, p. 17).

A dificuldade da nossa tarefa reside na tentativa de “dissecar” o discurso de um Freud filósofo, e *aufklärer*, que pretende fazer reconhecer a sua psicanálise como ciência e não como filosofia. Negando o próprio Freud, de certa maneira, pretende-se mostrar, sobretudo, o “terreno filosófico” em que brota o pensamento do Freud “cientificista” de *O Futuro de Uma Ilusão*, isto é, nos interessa compreender de que modo as influências de filósofos, como Kant e – em especial – Feuerbach, assim como o contexto da vida e da obra, levaram Freud a escrever *O Futuro de Uma Ilusão*.

Compreende-se que ao mesmo tempo em que Freud, no texto que vamos analisar, esforça-se para se afastar da filosofia, a fim de – como foi dito – afirmar que a psicanálise não é filosofia, mas ciência, ele “deixa escapar”, no caminho que percorreu para chegar à confecção de sua obra, elementos para que não apenas percebamos o trabalho especulativo que dá origem às suas construções, mas também as influências filosóficas de onde erige a sua obra; o que nos permite fazer uma leitura filosófica da mesma.

Assim, iniciamos nossa dissertação com um capítulo sobre a Viena dos anos de formação de Freud, contextualização histórica do surgimento da psicanálise e dos anos que precedem e em que se realizam a produção e publicação de *O Futuro de Uma Ilusão*, a fim de compreendermos o solo em que nasce tanto a psicanálise quanto a obra que analisaremos aqui.

No segundo capítulo, para compreender o que levou Freud a escrever *O Futuro de Uma Ilusão*, analisamos as ressonâncias do pensamento iluminista em sua obra, destacando dois personagens fundamentais para este movimento e para o pensamento freudiano tal como se apresenta na obra que analisamos, são eles, os filósofos Immanuel Kant e Ludwig Feuerbach.

Por fim, no terceiro capítulo, buscamos compreender em qual momento do corpus freudiano, o discurso exposto no texto de 1927 se encaixa e quais as relações implicadas na sua concepção, tais quais a relação do autor com a religião, com o seu amigo, o pastor Oskar Pfister, buscando responder como ciência, religião e ilusão se inserem e articulam no discurso freudiano, na tentativa de realizar, por fim, uma leitura filosófica de *O Futuro de Uma Ilusão*.

A partir da leitura realizada nos três capítulos, esperamos contribuir para a compreensão de *O Futuro de Uma Ilusão* para além dos limites da psicanálise. Desenvolvemos uma análise filosófica da obra não concentrada em uma leitura pontual do texto de Freud, concentrada em uma parte deste trabalho, mas dissolvida ao longo dos capítulos, na tentativa de compreender como pressupostos filosóficos norteiam o discurso freudiano e como se dá a genealogia desse discurso no contexto histórico da vida e da obra de seu autor.

CAPÍTULO 1: A VIENA DE FREUD

Ao estudarmos o contexto que precede e acompanha a publicação do texto de 1927, compreendemos as condições históricas, sociais, políticas e principalmente filosóficas que podem ter influenciado o pensamento freudiano inscrito em *o Futuro de Uma Ilusão*, além de entendermos em que contexto se insere tal obra, percebendo-a não como apenas fruto de determinado período histórico, mas como agente integrante deste período e das mudanças socioculturais ocorridas nele. Veremos porém, as diferentes perspectivas dos estudiosos da vida e obra de Freud, a respeito da influência ou não do contexto vienense.

De acordo com Renato Mezan, “A curiosidade por Viena e pelos detalhes da biografia de Freud, ou, de modo mais elegante e discreto, por Viena em geral, *sem a presença embaraçosa de Freud*, representa em certas circunstâncias uma maneira possível e relativamente segura de elaborar o romance familiar do psicanalista, romance no qual a metáfora da paternidade de Freud assume um sentido concreto e faz reverberar cordas extremamente singulares no inconsciente de cada um.” (MEZAN, 1988, p. 303).

Para Bruno Bettelheim é justamente o fato de Viena viver simultaneamente a desintegração do império e o ápice do seu desenvolvimento cultural, ou seja um contexto ao mesmo tempo bom e péssimo, que faria dela o berço perfeito para a psicanálise. Assim, é impossível o estudo da psicanálise e de sua história sem que, de antemão, se olhe para aquele lugar que foi seu berço e que forneceu as condições para que sua concepção fosse possível:

O que dotou a cultura vienense de sua verdadeira singularidade foi o acaso histórico, pelo qual o ápice do seu desenvolvimento cultural coincidiu com a desintegração do império que, de início, a tornara importante [...]. As coisas nunca tinham estado melhores, mas, ao mesmo tempo, nunca tinham estado piores: esta curiosa simultaneidade, na minha opinião, explica por que a psicanálise baseada na compreensão da ambivalência, da histeria, da neurose, se originou em Viena, e provavelmente não poderia ter se originado em nenhum outro lugar. (BETTELHEIM, 1991, p. 6)

Já para Peter Gay (2010), é enganosa “[...] a convicção de que a psicanálise é algo caracteristicamente, inescapavelmente vienense – como se Freud jamais pudesse ter feito suas descobertas em Munique, muito menos em Berlim. [...]”

Mezan apesar de concordar com Peter Gay, discordando da leitura de Bruno Bettelheim que só considera possível a psicanálise enquanto fenômeno vienense, ressalta a importância da pesquisa do ambiente cultural, político, intelectual, filosófico em que nasce a psicanálise:

[...] a obra de Freud não influenciou a produção cultural em questão, nem foi por ela influenciada, pela boa e simples razão de que ambas são *contemporâneas*, isto é, surgem paralela mas independentemente, e também pela razão, menos simples mas igualmente boa, de que Viena de Freud não é em absoluto a das ‘elites culturais’ evocadas por Bettelheim. É neste ponto que as informações biográficas sobre o fundador da psicanálise se tornam indispensáveis. (MEZAN, 1998, p. 87)

O próprio Freud negava que a psicanálise fosse um fenômeno especificamente vienense. O psicólogo francês Pierre Janet havia sugerido que a psicanálise só era possível por ter surgido em Viena e não poderia ter sido desenvolvida em nenhum outro lugar. Na ocasião, Freud considerou a insinuação como uma injúria anti-semita. Defendemos aqui o argumento de Gay (2010), de que em qualquer lugar que dispusesse de uma faculdade de medicina e pacientes em potencial, provavelmente um bom número de pessoas cultas e ricas, Freud poderia desenvolver a psicanálise.

Quando lemos a história de Viena, sob a perspectiva de suas possíveis influências na criação da psicanálise notamos sempre a apresentação de duas Vienas, uma “lúcida” e outra “mesquinha”, e – de acordo com Renato Mezan (1988) – nenhuma das duas parece ser a “razão suficiente” para a invenção da psicanálise. A obra de Freud é contemporânea aos acontecimentos contraditórios em Viena, a queda do império e a efervescência cultural: a grande produção crítica social, de arte,

sobre a linguagem e o psiquismo humanos. Não se pode afirmar que a produção de Freud decorre destes eventos, mas que ocorre em meio a eles.

Além disso, “A Viena que Freud gradualmente ideou para si não era a Viena da corte, dos cafés, dos salões ou da ópera. Essas vienas contribuíram pouquíssimo para o avanço da obra de Freud. Não é por acaso que sua noiva haveria de ser de Hamburgo, seus adeptos preferidos de Zurique, Budapeste, Londres e lugares ainda mais distantes, e que suas teorias psicológicas viriam a se formar num universo intelectual suficientemente amplo para abarcar toda a cultura ocidental” (Gay, 2010, p.27).

Neste sentido, privilegiamos aqui a leitura de Renato Mezan, Peter Gay e Schorske, acerca da influência do ambiente Vienense para a origem da psicanálise. Considerando que as formas típicas de sociabilidade na Viena dos anos de formação de Freud eram incompatíveis com ele. É para o contexto filosófico, intelectual, contido na Viena de Freud que devemos nos voltar principalmente, compreendendo antes de tudo, porém, a grande cena vienense *fin-de-siècle*.

1.1. A VIENA DOS ANOS DE FORMAÇÃO DE FREUD

Podemos ler de duas formas diferentes o material a respeito da primeira infância de Freud em Freiberg,: tanto inscrito no “romance familiar” de Freud, como na “desgraça [financeira] familiar” do pensador.

Os relatos mais marcantes dessa fase da vida do pai da psicanálise revelam uma saudade dos anos vividos em Freiberg. Freud, em 1899, confessa que pensava nunca ter superado a saudade dos belos bosques de sua casa em Freiberg que ele visitava com frequência. Peter Gay (2010, p. 26) cita as palavras de Freud em uma carta de agradecimento ao prefeito de Freiberg na ocasião de inauguração de uma placa em homenagem ao pensador: “No fundo de mim, encoberta, ainda vive aquela

criança de Freiberg, o filho primogênito de uma mãe jovem, que havia recebido as primeiras impressões indeléveis desse lar, dessa terra”.

Por outro lado, sabe-se que apesar de Freud em alguns momentos “embelezar” sua vida em Freiberg, o principal motivo pelo qual a família se mudou para Leipzig e logo depois a Viena, foi o infortúnio financeiro da família de Freud.

A família Freud transferiu-se para Viena por volta de 1860, quando Sigmund tinha quatro anos de idade. A capital do Império Austro-húngaro, Viena, naquela época, em população, somente perdia para Paris, mas rivaliza com a cidade-luz como grande centro de atração artística, cultural e intelectual, como bem comenta Renato Mezan em Viena e as origens da Psicanálise:

Viena era efetivamente um ímã para todos os talentos provinciais, uma metrópole marcada pela diversidade étnica e pela presença de habitantes provenientes de todas as partes do Império, assim como uma cidade pouco afeita à mobilidade social, carregada de preconceitos (entre os quais o mais funesto seria o anti-semitismo), e ao mesmo tempo célebre pela *douceur de vivre* de que desfrutavam suas camadas mais privilegiadas. (MEZAN, 1998, p. 84)

Antes disso, em 1859, o império teve que recuar do Norte da Itália pressionado pelo movimento nacionalista italiano, e, em 1866, foi derrotada na batalha de Sadowa e teve de reconhecer a liderança prussiana sobre o mundo germânico. O contexto desfavorável ao Império Habsburgo, ao que tudo indica, serviu de estímulo à uma generalizada busca por diversão, principalmente em bailes, concertos musicais, peças teatrais, ópera etc. A diversão porém, não encerrava-se em entretenimento, mas se expandiu até o esteticismo, a extrema sofisticação do gosto, os expectadores das óperas e concertos eram agora também críticos, interessados em teoria da arte visual e música. Assim, Viena se tornou a “capital da frivolidade e da história da Arte”.

Ao passo que o império declinava, a elite vienense lotava os cafés (frequentados por artistas, músicos e poetas), movimentando sempre mais a vida cultural da cidade. Neste contexto, a elite, intelectual e científica, austríaca começa a se interessar consideravelmente pelo psiquismo humano, patologias, “desvios de conduta” e perversões. Mais tarde, em 1886, surge o termo “masoquismo”¹, advindo da novela *Vênus das Peles* (*Venus im Pelz*), do também austríaco Leopold Sacher-Masoch.

Entre 1860 e 1930² (época de decadência e crise e tensão provocada também pelo conflito entre os vários nacionalismos: germânico, eslavo, italiano e judaico), Viena tornou-se uma verdadeira usina de ideologias e correntes científicas.

Por volta do mesmo período, a partir de 1860, ao mesmo tempo em que haviam grandes aberturas sociais e políticas, o nacional-catolicismo reacionário e fortemente preconceituoso seguia forte, disseminando antissemitismo e antieslavismo, o que protelou, por anos, a promoção de Freud de professor assistente à professor titular da Faculdade de Medicina de Viena.

Sabe-se que muitos historiadores dedicaram-se a pesquisar o contexto cultural de Viena, na passagem do século XIX para o século XX. Segundo Carl E. Schorske (1990), entre esses estudos, é comum a observação de que entre 1890 e 1910 Viena foi marcada por movimentos inaugurais em diversas áreas, por isso, convencionou-se chamar este período de “modernidade vienense”. Neste período, em que é desenvolvida a psicanálise de Freud, surge o positivismo e a epistemologia de E. Mach; a fenomenologia e filosofia da linguagem de F. Brentano (desembocando na ‘gestaltpsychologie’ e no Círculo de Viena); o movimento de Secessão de G. Klimt, o expressionismo de Kokoschka e a música de Mahler e Schomberg.

¹O termo “masoquismo” foi divulgado pelo neurologista Krafft-Ebing, autor do famoso livro “Psicopatologias sexuais”, de 1886.

² A formação e “atuação” do Círculo de Viena, forte influência para Freud, se dá neste período, entre os anos 1920 e 1930.

O cenário vienense ganhou destaque na história da modernidade, por apresentar intelectuais que perceberam a instauração da crise nos sistemas simbólicos tradicionais que sustentavam o pensamento intelectual da época, e entenderam-na e procuraram resolvê-la a partir de interpretações verdadeiramente novas, que, segundo os estudiosos contemporâneos deste cenário, possuíam como denominador comum o caráter crítico e transgressor das tradições. Assim, a oposição à herança cultural liberal e racional predominante à época se tornava o solo comum do qual, diferentes abordagens brotaram, contrapondo os campos social e subjetivo. Seguindo esta interpretação, Schorske enuncia:

Na passagem de heróis prometéicos para heróis epimetéicos da cultura, a mais extraordinária foi a de Marx para Freud. Pois aqui a busca e compreensão dos males que afligem a humanidade tenderam a se deslocar do domínio público e sociológico para o privado e psicológico. (1990, p.19).

Ao estudar as produções culturais vienenses, Schorske (1990) assinala que, a partir desse movimento histórico, começa a ser construída uma nova concepção de homem, que surge da indagação – dos intelectuais que se debruçaram sobre o contexto histórico aqui tratado – de como era possível a sobrevivência do indivíduo diante de um mundo social em verdadeiro declínio. Assim, para o autor, a modernidade vienense se constitui em um movimento de crítica do tradicional pensamento sobre o homem e o mundo. A crise política que Viena vivenciou incitou, segundo ele, o surgimento da concepção do homem psicológico, tornando-se, no século XX, o centro das atenções de psicólogos, filósofos, antropólogos, cientistas sociais, etc., como lemos em Schorske:

A cultura liberal tradicional tinha se concentrado sobre o homem racional, cujo domínio científico sobre a natureza e controle moral sobre si, deveriam criar a boa sociedade. No nosso século (séc. XX),

o homem racional teve de dar lugar àquela criatura mais rica, mais perigosa e inconstante, que é o homem psicológico. Esse novo homem não é simplesmente um animal racional, mas uma criatura de sentimentos (SCHORSKE, 1990, p.26).

A partir do Iluminismo, o liberalismo depositava toda sua “fé” e confiança na racionalidade como força capaz de fornecer o controle sobre a natureza e as ações morais humanas, e levar-nos a alcançar uma sociedade ideal. Mas, o fracasso desse projeto iluminista trouxe aos vienenses uma crise existencial para a qual eles deveriam buscar soluções. Assim, a modernidade vienense caracterizou-se pelos sentimentos de perda, decadência, insegurança para com o futuro, mal-estar. Segundo Schorske, esses sentimentos foram problematizados a partir da intimidade, da subjetividade e da individualidade.

1.1.1. CONTEXTO CULTURAL DO FIM DO SÉCULO XIX

Viena *fin-de-siècle*, ficou conhecida em toda a Europa, a partir de seus intelectuais que compuseram as escolas vienenses, famosas na esfera da psicologia, da história da arte e da música. Estes intelectuais, adotaram um postura se não revolucionárias, no mínimo inovadoras, críticas e “reformuladoras” das tradições, até mesmo nos meios em que o “fazer austríaco” ficou conhecido tardiamente no cenário internacional, como por exemplo, na literatura, arquitetura, política e artes visuais.

Um grupo de jovens revoltados com o liberalismo clássico da Áustria da década de 1870 ficou conhecido como “os jovens”, em alemão *Die Jungen*. Em pouco tempo, essa expressão que designava os jovens *révoltés* austríacos, começou a aparecer na literatura e ser adotada pelos artistas plásticos que adotaram o *art nouveau*, dando a este estilo um caráter austríaco, que lhe diferenciava daquele feito em outros lugares da Europa.

É comum os jovens se revoltarem contra os pais, aqueles jovens – *die jungen* –, porém contra o domínio da cultura paterna que eles herdaram, os valores liberalistas clássicos, isso expressa a insatisfação da sociedade austríaca com o liberalismo clássico lá difundido. Dessa forma, os liberais, provocam a massa contra eles mesmos, o que provocou uma série de transformações na sociedade austríaca.

Os judeus, que tiveram a oportunidade de emancipação oferecida pelo liberalismo, no final do século, começaram a se voltar contra este sistema político e o insucesso do mesmo vitimou os judeus, que recorreram à fuga para o lar nacional, o sionismo, e à luta pela secessão.

Assim, os liberais não conseguiram unir a grande massa contra a velha classe opressora, mas provocar uma total desintegração. E ainda, não conseguiram controlar as consequências de tal desintegração, a liberação de diversas forças sociais, todas intolerantes ao liberalismo.

A elite permanecia unida até meados de 1900. O ponto de encontro dos intelectuais vienenses continuava sendo os cafés e salões, lá eles compartilhavam ideias e leituras com outros membros da elite, profissionais liberais, homens de negócio, artistas, responsáveis pela efervescência cultural e artística da época.

Aqueles intelectuais que se encontravam nos cafés e salões, artistas plásticos, psicólogos, historiadores da arte, debruçaram-se sobre o problema da natureza do indivíduo, na Viena em desintegração. Assim, surge na Áustria uma nova concepção do homem.

A tradição havia até então se concentrado sobre o homem racional, que criaria a boa sociedade a partir do domínio científico sobre a natureza e moral sobre si mesmo. Concomitante a frustração política, na Áustria, o homem racional começa a dar lugar ao homem psicológico, um objeto de estudo mais complexo e obscuro, mas não menos atraente.

Considera-se a partir de então homem para além do animal racional, a nova concepção do homem abarca também seus sentimentos e “instintos”. As

explicações dos fatos que envolvem o homem e sua relação com o outro, a sociedade ou a natureza ganham conotação psicológica, até mesmo a opressão política e econômica é avaliada em termos de frustração psicológica.

O liberalismo austríaco encerrou sua luta contra a aristocracia e o absolutismo barroco, em 1848, quando foi derrotado. Em 1860, porém, os liberais moderados estabeleceram um regime constitucional, mas sua base social continuou frágil, restrita aos alemães e judeus-alemães da classe média urbana, que em longa escala se identificavam com o capitalismo, e só conservaram o poder legislativo graças ao fato do direito de voto ser restrito.

Com o caráter não-democrático do direito de voto, novos grupos sociais (artesãos, operários urbanos, camponeses, povos eslavos) passaram a reivindicar a participação política e posteriormente, nos anos 1880, formaram partidos de massa, a fim de enfrentar a hegemonia liberal (social-cristãos e pangermânicos anti-semitas, socialistas e nacionalistas eslavos), e o êxito veio rapidamente. Em 1895, o imperador Francisco José, com o apoio da hierarquia católica, recusou-se a admitir a eleição de Karl Lueger, o prefeito católico anti-semita.

De acordo com os historiadores da época, Freud, comemorou o gesto autocrático dos judeus. Mas, dois anos depois, o imperador precisou curvar-se à vontade do eleitorado e admitiu Lueger como prefeito. Assim, iniciou-se em Viena um governo social-cristão, que durou uma década e combinou tudo o que era execrável para o liberalismo clássico: anti-semitismo, clericalismo e socialismo municipal. Decorre disso, em 1900, a derrota – sem recuperação – do poder político parlamentar dos liberais. Os movimentos de massa modernos, cristãos, anti-semitas, socialistas e nacionalistas, não apenas esmagaram as ideias do liberalismo, tornaram o clima de Viena quase insuportável também para o judeu que concebeu a psicanálise.

1.2. FREUD E VIENA: RELATOS DE UMA AMBIVALÊNCIA

Jacob Freud, o pai de Sigmund, foi um comerciante de lã, sebo, mel, anis, peles e sal que casou-se com a mãe de Sigmund Freud, Amalie, aos quarenta anos, quando já era avô e tinha dois filhos adultos. O autor de *O Futuro de Uma Ilusão* foi o primeiro filho do casal e o preferido de sua mãe, que o chamava carinhosamente de “meu Sig de ouro”.

Sabe-se que Freud nasceu em Freiberg e posteriormente, por motivos financeiros, mudou-se para Viena com sua família. Na época do seu nascimento, o Império Austríaco, tinha uma população de aproximadamente trinta e cinco milhões de habitantes e seu território se estendia até a Itália.

Em 1805, após o fim do Sacro Império Romano-Germânico iniciou-se a dinastia Habsburgo e em 1815, formou-se um estado “heterogêneo”, com poloneses, romenos, alemães, croatas, ucranianos etc. A dinastia procurava manter a coesão entre os grupos e evitar quaisquer possíveis disputas e embates nacionalistas, durante o século XIX.

No contexto do “nascimento” da psicanálise, e durante grande parte do século XIX, a situação sociopolítica de Viena, delineava-se entre o Império Multinacional composto por diversos grupos etnolinguísticos, a dissolução das populações de língua germânica e sua consequente influência política majoritária sobre mais de trinta territórios independentes.

Em 1867, a Áustria firma compromisso com a Hungria, formando o Império Austro-Húngaro. A Hungria, politicamente, era mais atrasada que a Áustria e Francisco José, tio de Francisco Ferdinando, era o rei da primeira e imperador da segunda. Dois anos depois, em 1869, a fim de fortalecer a Coroa, Francisco declara a emancipação dos judeus. Sob a condução do jovem Imperador Francisco José parecia ser, oito anos depois de sufocada uma revolução, uma nação consolidada.

Porém, um decênio após começaria sua decadência com a perda das províncias italianas.

Judeu, Freud foi beneficiado com o decreto do imperador da Áustria. Foi esta emancipação que permitiu que o pai da psicanálise estudasse medicina, ao invés de ficar preso aos “guetos judaicos”, o que aconteceria provavelmente se a emancipação judaica não ocorresse. A emancipação dos judeus deu a eles “o direito, em pé de igualdade com os cristãos, de ter propriedades imobiliárias, ingressar em qualquer profissão e assumir qualquer cargo” (GAY, 2010, p. 32). Este fato possibilitou, no Império Austro-Húngaro, a formação de uma elite judaica que aspirava participação militar e política.

Por um lado, a emancipação permitiu a integração social e econômica dos judeus, mas, por outro, o anti-semitismo fazia frente a essa integração. Por isso, Freud só pode ser nomeado professor-adjunto da Universidade de Viena, por intercessão de uma cliente sua que não era judia.

Viena, porém, a despeito de todos os antagonismos daquele tempo, reduzia os conflitos e as lutas de classes por meio de medidas paliativas, tais como o culto do bom gosto, acentuado pelo clima “Belle Époque” do final do século XIX, que convencia muitos de que tudo permanecia bem.

Graças ao antissemitismo, os judeus eram culpados pelos problemas financeiros tais como especulação financeira e inflação, servindo de bode expiatório e tornando-se, assim, o inimigo número um tanto do proletariado como da pequena burguesia. Isso resultou na eleição de políticos antissemitas, repetidas vezes, que durante décadas governaram Viena:

Durante alguns anos, porém, aqueles que apostavam no aperfeiçoamento constante da política, da economia e das relações sociais contaram com algumas indicações convincentes a seu favor. No final dos anos de 1860, o ministério imperial estava dominado por funcionários e políticos de classe média dedicados e civilizados: Não

era a toa que fora chamado de “ministério burguês”. Sobre esse *Bürgerministerium* e seus sucessores imediatos, o governo transferiu o controle da educação e do casamento para as autoridades seculares, abriu o caminho para casamento entre pessoas de credos diversos, e introduziu um colégio penal humanitário. A par com essas incursões pelo liberalismo, o comércio e os bancos, a indústria, os transportes e as comunicações da Áustria realizaram avanços impressionantes: A revolução industrial chegou tarde a Áustria-Hungria, mas chegou. No entanto, tudo se precipitou na incerteza com a quebra do mercado de ações em 09 de maio de 1873, a “SEXTA-FEIRA NEGRA”, que lançou uma sombra sobre essas diversas realizações. Bancarrotas e falências bancárias em massa arruinaram especuladores imprudentes, correntistas sem sorte, homens de negócio, artesãos e agricultores desafortunados. “Os austríacos”, escreveu em junho um perspicaz visitante alemão, “perderam todo seu dinheiro, ou melhor, descobriram que nunca tiveram nenhum dinheiro”. (GAY, 2010, p. 31)

A relação de Freud com Viena era notoriamente ambivalente. A superficialidade daquela cidade o incomodava. A sociedade vienense era repressiva e portava uma apenas aparente harmonia, o que provocava a extrema insatisfação das históricas, personagens cada vez mais constantes naquele cenário.

A primeira guerra mundial eclode devido às lutas das etnias rebeldes, que culminou com o fim da dinastia Habsburgo. O fim da guerra traz à tona uma possível visão pulsional dos processos históricos sociais, solidificando o conceito de ruptura da razão, pois a guerra proporciona uma quebra dos padrões e da ideia de normalidade, limita a cultura e a tradição, relativizando toda produção humana e elevando a pulsão a sua máxima potência. Esta nova visão proporciona à psicanálise mais prestígio e credibilidade, além de divulgá-la, visto que o contexto parecia enfatizar a sua necessidade.

A Viena *fin-de-siècle* foi um dos locais mais importantes da modernidade, por contar com muitas personalidades que contribuíram enormemente para a formação cultural daquela época.

Os intelectuais judeus foram responsáveis por trazer as novidades propostas pela modernidade, principalmente no campo das artes plásticas, por exemplo são Max Ernst, Gustav Klimt e Oskar Kokoshchka. Em seguida, a chegada da fotografia também causa transformações no mundo das artes plásticas em Viena, propiciando a saída da pintura da prisão ao caráter descritivo.

Também outros campos da arte se transformam, a arquitetura, representada por Otto Wagner e Adolf Loos, inaugura uma maior funcionalidade, deixando de lado o estilo decorativo. A erudição da música é elevada a máxima potência com Schoenberg, criador da dodecafonía, e Gustav Mahler. A literatura, aborda questões ligadas ao inconsciente, com Arthur Schnitzler, Stefan Zweig e Hugo Hofmannsthal. Freud, com a contribuição de Karl Abraham, Sandor Ferenczi, Otto Rank, Max Eitingon, Hans Sachs, e outros estudiosos, revoluciona o conhecimento do psiquismo, com a criação da psicanálise.

Percebe-se assim, que Freud não é sujeito passivo e influenciado pelo contexto cultural de mudanças, da Viena, mas participa intensamente dessas mudanças, compondo o quadro de evolução criativa de sua época. Isso seria um dos motivos pelos quais Freud não teria vontade de deixar a cidade.

Porém, em 1938, a Áustria foi anexada ao Terceiro Reich de Berlim, o que significou uma ainda maior ascensão do nazismo e sua chegada em território que até então era relativamente seguro aos judeus. Os nazistas caçaram e expatriaram os psicanalistas judeus, assim como outros intelectuais de origem judia, que representavam uma ameaça ao sistema nazista. Freud não escapou à perseguição nazista, teve suas obras destruídas. O regime de Hitler se encarregou de deixar clara a incompatibilidade entre a psicanálise e regimes totalitários, varrendo a psicanálise de língua alemã.

Sobre este fato, Freud comentou somente que poderia ter sido pior se estivéssemos na Idade Média, nesse ponto fizemos algum avanço, pois naquela época, queimavam os autores e não os livros. Ele não tinha conhecimento ainda dos

campos de concentração, onde o extermínio de homens se dava de modo similar ou pior do que na Idade Média.

Sabe-se que Freud sempre nutriu sentimentos ambivalentes com relação a Viena. Ainda na adolescência em uma carta ao seu amigo Emil Fluss, ele escreve que Viena o oprimia, “talvez mais do que seria bom”. Peter Gay (2010), em sua conhecida biografia de Sigmund Freud, esclarece a “aversão” do criador da psicanálise pela cidade:

[...] Martim, o filho de Freud, sugeriu que a aversão por Viena, frequentemente expressa por seu pai, era, na verdade, uma declaração de amor encoberta [...]. Seu ódio à Viena, julgava ele tocava as raias do pessoal [...] Viena nunca deixou de ser, para ele, o teatro da miséria, do repetido malogro, da solidão odiada e prolongada, dos incidentes desagradáveis de aversão aos judeus. [...] No entanto, foi em Viena que se instalou e ficou. [...] Com efeito, para alguém que odiava Viena com tanta ferocidade como Freud dizia a todos, ele deu mostras de uma reiterada resistência em deixá-la. Seu inglês era excelente, tinha boas ligações no exterior, contava com convites reiterados de se instalar em outro país, mas ele ficou até que não pode mais. (p. 26)

Não era só o fato de os primeiros anos da família Freud em Viena terem sido financeiramente difíceis, ou porque ele considerava aquela cidade muito superficial, que aparentava ir muito bem, enquanto que a situação político-econômica era de decadência³, que Freud não guardava boas lembranças daqueles anos. Em verdade, talvez ele nunca tivesse superado a saudade de Freiberg e de seus lindos bosques, que marcaram sua primeira infância.

³ “Viena nunca deixou totalmente de ser, para ele, o teatro da miséria, do repetido malogro, da solidão odiada e prolongada, dos incidentes desagradáveis de aversão aos judeus” (Gay, 2010, p.26)

Freud só deixou Viena, porém, quando não havia mais possibilidade de continuar lá, no momento em que ele foi obrigado, pelo sistema nazista, a partir para Londres. No início de julho de 1938, já instalado em Londres, Freud escreve: “O sentimento de vitória com a libertação vem demasiado entremeado com a tristeza [...] pois ainda assim amava-se muito a prisão da qual se fora libertado” (FREUD apud GAY P., *Ibid.*, p. 26).

Compreende-se que apesar de que o advento da psicanálise e da obra freudiana não se deve somente ao solo em que brotou, a compreensão do contexto histórico cultural e político é de fundamental importância para a compreensão do pensamento freudiano.

Não é difícil encontrar estudos sobre a vida familiar de Freud, sobre sua vida particular em Viena, mas quando nos voltamos para o contexto histórico em que Freud viveu e desenvolveu sua obra, percebemos que poucos foram os estudiosos que se dedicaram a este estudo. Neste primeiro capítulo nos dedicamos a este estudo, a fim de compreender em qual solo nasce a psicanálise e quais as possíveis influências e a importância dos acontecimentos históricos, ali ocorridos, tanto para a nossa investigação, quanto para a o pensamento pós-moderno.

Diante disso, no próximo capítulo, analisaremos de que forma o movimento iluminista, cujos ideais reverberavam fortemente no contexto em que Freud inicia seus estudos na universidade e desenvolve sua ciência psicanalítica, influencia tanto o pensamento freudiano, como a escrita de *O Futuro de Uma Ilusão*. Destacaremos neste contexto dois pensadores que influenciaram indireta e diretamente o pensamento e a obra de Freud, respectivamente Kant e Feuerbach.

2. CAPÍTULO II: FREUD *AUFKLÄRER*

O autor de *O Futuro de Uma Ilusão* é o Freud *aufklärer*, aquele médico, pesquisador, vienense muito influenciado pelas ideias do Iluminismo, que permaneciam muito fortes entre os intelectuais na “Viena fin de siècle” e no início do século XX na Europa.

Freud, nesta obra, esforça-se em criticar a religião como inimiga da ciência. Um dos motivos para tal esforço é a sua intenção de tornar a – sua – psicanálise reconhecida como ciência e não apenas como filosofia ou literatura, além disso, é preciso considerar as influências que marcam e se manifestam no texto freudiano.

Este capítulo é dedicado à análise das influências sem as quais *O Futuro de Uma Ilusão* não seria escrito como crítica voraz da religião e elogio da ciência, em especial aquelas que advém do Iluminismo. Conforme Brandão:

Depois de Kant só havia duas saídas: ou legitimar o pensamento humano como algo que só encontra o elemento elaborável no campo ideal e fenomenológico (Fichte, Schelling e Hegel), ou reconhecer que o conhecimento consciente é apenas um efeito ou uma manifestação superficial ou ainda uma representação das causas inconscientes profundíssimas, tais como instintos, desejos, etc. (Schopenhauer, Eduard von Hartmann). Mas essas duas grandes linhas voltaram a se encontrar posteriormente porque Hegel surgiu, numa própria negação do idealismo hegeliano, o chamado materialismo histórico ou a esquerda hegeliana (Feuerbach, Strauss, Bruno Bauer, Max Stimer e Karl Marx), enquanto que de Schopenhauer surge Nietzsche, e deste não se pode negar os pressupostos teóricos para a quase atual linha psicanalítica (Freud e Jung) que, por sua vez, possui muitos pontos comuns com os princípios do materialismo histórico. (BRANDÃO, p. 7, 2007).

Neste diapasão, Kant é o primeiro dos filósofos iluministas a influenciar o Freud *aufklärer*, que escreve *O Futuro de Uma Ilusão*. Posteriormente, a partir deste “divisor de águas”, surge Feuerbach, ao lado de autores como Marx, Strauss e Bruno Bauer, que representam a esquerda hegeliana, que em seu *A Essência do*

Cristianismo, em vários aspectos – que trataremos neste capítulo – em muito se assemelha ao Freud de 1927.

2.1. ELEMENTOS DO ILUMINISMO

É comum associar a psicanálise, e Freud conseqüentemente, a uma valorização da emoção, do corpo, mas não da razão. O pai da psicanálise, porém, é um ilustrado exemplar, talvez o último dos iluministas – como escreveu Peter Gay – e tem em Voltaire, Diderot e Feuerbach alguns dos seus verdadeiros antepassados intelectuais. É, aliás, interessante o contraponto presente no fato de Freud ser “o último herdeiro do iluminismo” e ser um dos principais críticos da razão, mas um crítico que, ao lado de Marx, contrapõe-se a razão pervertida, não por um interesse de classe, como fará Marx, mas por um investimento pulsional.

Em 1927 Freud afirma a autoridade da razão e da ciência retomando traços característicos do pensamento iluminista, não a ponto de valorizar a razão perversa⁴, mas a razão enquanto capaz de atender à civilização como a religião não alcançava, fornecendo as respostas para os questionamentos humanos diante da vida e do universo. E aquelas respostas que não podem ser dadas pela razão – ou pela ciência – não poderiam ser encontradas em outro lugar.

Freud assimila o espírito científico e, neste momento de sua obra, em 1927, assume uma postura cientificista frente ao problema da religião, acreditando que quanto mais se aproxima do conhecimento – científico –, mais se afasta de quaisquer crença religiosa. Esse afastamento, porém, se dá de modo gradual, inicialmente, se afasta dos aparelhamentos contestáveis e obsoletos e por fim, do seu fundamento.

⁴ Entende-se por razão perversa aquela pervertida por um investimento pulsional. Assim como Freud, o filósofo Karl Marx também critica a razão perversa, mas em sua leitura, esta razão é pervertida por um interesse de classe.

Segundo Freud, a religião falhou em conciliar o homem com as renúncias pulsionais tão necessárias à civilização. Portanto, a civilização não deve temer as pessoas instruídas, pois estas substituíram gradativamente os motivos religiosos – geralmente fundados nas noções de castigo e recompensa – para um comportamento que contribua para a conservação da civilização, por motivos mais racionais, e contribuem assim significativamente com a civilização.

Em *O Futuro de Uma Ilusão*, Freud apresenta um interlocutor imaginário, que sempre se opõe ao que é defendido na obra. Uma das críticas feitas por este interlocutor diz respeito aos esforços de Freud para substituir a ilusão da religião, por uma “crença” na ciência que também parecia ter caráter ilusório. E a ela Freud responde que não é inacessível a críticas e que, compreendendo a dificuldade de escapar às ilusões, confessa que talvez sua esperança na ciência seja também de natureza ilusória. No entanto, é necessário notar diferenças fundamentais. As possíveis ilusões defendidas por Freud não repousam sob qualquer imposição de compartilhamento com ameaças de castigo para quem não as partilha, não são ideias delirantes, nem delas se aproximam e são passíveis de correção.

Segundo Freud, em seu discurso, a religião apresenta a ideia de desamparo e outras ideias cercadas de ignorância, males passíveis de serem extintos pela prioridade do intelecto. Já a ciência dispensa as fantasias infantis como recursos para afirmar sua influência e importância para a humanidade, ao contrário da religião que, frente ao sofrimento inerente a condição humana e aquele ocasionado pela hostilidade típica da civilização bem como a sensação de desamparo que provém destas primeiras, constrói ilusões, como a ideia de um Deus pai e protetor.

Como foi dito, para Freud o processo de abandono das ilusões religiosas para sua “substituição” pelas verdades científicas é gradativo e se concretizará num futuro ainda imprevisível e para uma nova geração de homens. Segundo o próprio Freud (1927/1978, p.126), “a longo prazo, nada pode resistir à razão e à experiência, e a contradição que a religião oferece a ambas é palpável demais”.

Fica clara então a influência das ideias iluministas e, por conseguinte, positivistas e cientificistas, no pensamento do autor de *O Futuro de Uma Ilusão*.

Para ele, a capacidade de compreender a realidade e as circunstâncias insatisfatórias inerentes à vida se deve ao conhecimento científico e representa a maturidade e autonomia daquele que o detém, já que este não depende mais da crença em ideias ilusórias para fazer escolhas e para suportar a “miséria humana” e a “hostilidade da vida”.

Fortemente influenciado pelas ideias Iluministas predominantes no período entre Primeira e Segunda Guerras Mundiais, Freud desconsidera a importância de uma crença em um Deus bondoso e protetor como forma de minimizar o medo que se sente diante da incerteza do futuro. Convicto de que a ciência não é uma ilusão e de que aquilo que não podemos obter a partir da ciência também não poderíamos alcançar na religião, Freud parte para um ousado investimento: desconstruir a ilusão religiosa e aferir à ciência o seu valor.

É importante, portanto, compreendermos quais elementos e pensadores do iluminismo influenciaram o pensamento e a obra freudiana a fim de esclarecer a origem de sua “esperança” na ciência e de sua interpretação da religião como ilusão em *O Futuro de Uma Ilusão*.

2.1.1. FREUD E KANT

Freud iniciou sua vida acadêmica pela prática científica, estudando fisiologia, orientado por Brücke, que o influenciou e se tornou para ele um modelo:

Eu terminei por encontrar (de 1876 a 1882) no laboratório de fisiologia de Ernst Brücke, paz e plena satisfação, como também pessoas que eu podia respeitar e tomar como modelos, Mestre Brücke ele mesmo e seus assistentes Sigm. Exner e Ernst von Fleisch-Marxow. (Freud, 1925/1992, p. 57)

O mestre Brücke era uma referência em fisiologia física em Viena, herdeiro da tradição de pesquisa científica dirigida por Helmholtz, quem fundou os parâmetros básicos de uma nova metodologia de pesquisa científica. Brücke foi um dos mais conhecidos representantes dessa tradição e tornou-se o embaixador de Helmholtz em Viena.

Helmholtz, considerado por Freud um “gigante intelecto”, já o fascinava mesmo antes dele ingressar no laboratório de Brücke, aos 17 anos⁵. O cientista era um leitor de Kant. Sobre o filósofo ele escreve em seu livro *Os Fatos na Percepção* (1878/1989): “acentuei em meus estudos anteriores o acordo entre a recente fisiologia e as doutrinas de Kant”. Na mesma obra, ele declara estar sobre o solo do sistema kantiano.

Percebe-se, desta forma, a presença indireta do pensamento de Kant entre as influências da obra freudiana. Porém, consideramos que é pela intercessão do iluminismo que esta influência é possível, tanto indireta – como vemos aqui –, quanto diretamente.

Além de Helmholtz, outros cientistas que Freud admirava tiveram em Kant a base filosófica de suas pesquisas (salvaguardando algumas incompatibilidades). Dentre eles, destacam-se Fechner e Mach. Loparic (1982/2000) confirma a influência de Kant no pensamento de Mach em sua tese de doutorado:

A classificação de Mach dos problemas e dos procedimentos de solução de problemas, sua distinção entre conceitos fenomênicos e construções do pensamento, todos esses ingredientes centrais de sua lógica de pesquisa podem ser facilmente remontados a Kant (p. 7-8).

⁵ É em uma carta a Stefan Zweig, em 19/10/1920, que Freud usa esta expressão. (Freud & Zweig, 1995, p. 25),

Assim, pode-se afirmar que é possível encontrar também nas pesquisas de Freud sobre as doenças nervosas ressonâncias do pensamento kantiano, pois foi na tradição científica que tinha o sistema kantiano como “solo” que Freud se formou.

É inicialmente por esta via que se percebe a influência de Kant no pensamento freudiano, considerando sua educação epistemológica, que tinha como padrão a metodologia das ciências da natureza, típica do final do século XIX. Assim, reconhecemos a importância da influência mais ou menos direta do sistema kantiano sobre o pensamento freudiano com relação à ciência e sobre a sua prática de investigação científica. Para nossa pesquisa, porém, é necessário darmos um pequeno salto e analisarmos a influência deste filósofo sobre Freud no que diz respeito à ideologia iluminista.

2.1.2. KANT, FREUD E O ILUMINISMO

Apesar de reconhecer no texto *O Futuro de Uma Ilusão* “outro Freud”, outro discurso, aquele a quem Paul Ricoeur (1969) chamou de “mestre da suspeita”, em *La Psychanalyse et le mouvement de couture contemporaine*, em um primeiro momento deixaremos de lado este discurso para dar atenção àquele que está ainda imbuído nas ideias Iluministas.

Neste discurso é possível notar a presença do pensamento kantiano, no que tange ao conceito de *Aufklärung* (esclarecimento), nas ideias do Iluminismo que influenciaram Freud e no seu discurso em defesa do lugar da psicanálise entre as ciências.

O que nos interessa na aproximação entre Freud e Kant é confirmar o interesse de Freud em manter a sua psicanálise no campo das ciências, interesse este que é exposto tão claramente em *O Futuro de Uma Ilusão*. Mas antes é

necessário compreendermos as ideias do movimento cultural que marcaram tão intensamente a formação intelectual e a obra de Freud e que, de alguma forma, une seu pensamento ao de Kant: a Aufklärung, o Iluminismo.

Segundo Kant, o esclarecimento é o meio de fazer com que o homem saia da sua menoridade e da tutela de outros homens. Para que o homem alcance o esclarecimento é fundamental o uso da liberdade exercida como público da razão, que é também um meio de diálogo entre os homens:

O esclarecimento favorece um uso mais “adequado e maduro” da razão. É ele (o esclarecimento) que dá condições ao emancipar-se dos tutores e sair da condição de menoridade. Encara-se então, o esclarecimento como um processo de racionalidade. (OLIVEIRA, 2006, p.3)

No texto Resposta à Pergunta: o que é Iluminismo?, de 1784, Kant escreve que naquele momento ainda se teria alcançado o esclarecimento, mas ainda se passava por um processo de esclarecimento, a caminho de alcançá-lo:

Se, pois, se fizer a pergunta _ Vivemos nós agora numa época esclarecida? _ a resposta é: não. Mas vivemos numa época do Iluminismo. Falta ainda muito para que os homens tomados em conjunto, da maneira como as coisas agora estão, se encontrarem já numa situação ou nela se possam apenas vir a pôr de, em matéria de religião, se servirem bem e com segurança do seu próprio entendimento, sem a orientação de outrem. Temos apenas claros indícios de que lhes abre agora o campo em que podem atuar livremente, e diminuem pouco a pouco os obstáculos à ilustração geral ou à saída dos homens da menoridade de que são culpados. Assim considerada, esta época é a época do Iluminismo, ou o século de Frederico. (KANT, 2005, p. 7)

A humanidade precisa vencer muitos preconceitos, barreiras, dogmas para considerar-se esclarecida, “sobretudo nas coisas de religião”. Kant também defendia a liberdade e a tolerância religiosa, principalmente da parte do governo. O esclarecimento é um processo que se desenvolve nas relações humanas e que parece longe de estar terminado, porém caminhamos com e para o progresso e rumo ao esclarecimento. Este “clima iluminista” que previa o futuro da humanidade sempre mais próximo de um bom uso da ‘racionalidade’ foi propagado não apenas por Kant, mas também por outros pensadores e, igualmente, influenciou muitos outros pensadores também.

Até aqui entendemos as possíveis contribuições do pensamento kantiano acerca da natureza humana em sua relação com o processo civilizatório para o desenvolvimento da discussão freudiana sobre este tema. A seguir analisaremos as ressonâncias do Iluminismo, movimento que foi pensado especialmente também por Kant, na obra Freudiana, principalmente em O Futuro de Uma Ilusão, um de seus textos mais conhecidos sobre o tema da civilização e do processo civilizatório. Texto no qual, Freud ressalta o problema da religião como ilusão e a ciência como proposta de um novo “firme apoio para pensar o mundo e o homem com suas questões essenciais sobre a vida e a morte” (Rocha, 1994).

Tal proposta freudiana nos remete não somente à discussão iluminista acerca dos progressos que o desenvolvimento científico poderia proporcionar à humanidade – inclusive no sentido de propor uma moralidade “mais racional”, mais fundada em princípios racionais – como ao pensamento kantiano de que caminhamos rumo ao esclarecimento, apesar de não o termos alcançado ainda. A humanidade deve estar “progredindo” no sentido de alcançá-lo, como lemos em Resposta à Pergunta: que é Iluminismo?

Em meados do século XVIII, o Iluminismo (Aufklärung) ganhava força na Europa, principalmente na França e na Alemanha. Pode-se dizer que este movimento teve em Kant sua maior expressão filosófica. Ainda sob forte influência do Iluminismo, o pensamento kantiano também contempla a problemática da

religião, admitindo que a existência de um deus jamais poderia ser provada racionalmente.

O Iluminismo influenciou diversos setores da vida social, cultural, política, econômica, etc. O empirismo passou a ser o grande norteador da metodologia científica e o que não era passível de comprovação científica não era então considerado verdadeiro, não existia.

No segmento que nos interessa, o da religião, o iluminismo, guiado pelo cientificismo característico deste movimento, buscou aniquilar o teocentrismo e substituí-lo pelo antropocentrismo. Isto provocaria uma espécie de revolução na compreensão da religião e de sua influência sobre os mais diversos aspectos da vida humana.

Quando Freud chega à Universidade de Viena, em 1873, encontra forte influência iluminista sobre os que integravam a instituição. O cientificismo imperava na comunidade acadêmica vienense.

Para onde quer que o historiador olhe, ele descobre controvérsias sobre a natureza de Deus e o poder das igrejas durante as décadas em que Freud crescia, entrava para a universidade, estabelecia-se como médico, e desenvolvia a psicanálise. (GAY P., 1992. p. 25)

Nota-se a influência de alguns pensadores iluministas sobre Freud. Dentre eles podemos citar: Spinoza, Voltaire, Diderot, Darwin, Feuerbach. Em especial Darwin e Feuerbach influenciaram fortemente o pensamento freudiano, de forma que podemos ver ressonâncias de seus pensamentos em determinadas obras de Freud. Darwin publicou em 1859 *A Evolução das Espécies*, sobre a teoria da evolução e da seleção natural, colocando em cheque a teoria criacionista, corroborada pela visão religiosa.

A obra na qual melhor podemos notar a influência de Darwin sobre o pensamento de Freud é Totem e Tabu, onde o autor, na tentativa de compreender as raízes mais primitivas do sentimento religioso, utiliza o mito da horda primitiva, que foi inspirado cientificamente em Darwin.

Sobre Feuerbach, em 1875 Freud escreveu a seu amigo Silberstein: “entre todos os filósofos, este é o homem que mais venero e admiro” (GAY, 2010, p. 43). Para Feuerbach (1991), toda manifestação religiosa não passa de uma ilusão, assim não seria Deus o criador do homem, mas o homem o criador de Deus: “...a religião, pelo menos a cristã, é o relacionamento do homem consigo mesmo, ou, mais corretamente: com a sua essência; mas o relacionamento com a sua essência como uma outra essência. A essência divina não é nada mais do que a essência humana, ou melhor, a essência do homem abstraída das limitações do homem individual (p. 24).

2.2. RELAÇÃO ENTRE FREUD E FEUERBACH

Em seus anos de formação, Freud sofreu a influência de Franz Brentano (1838-1917), filósofo vienense que foi seu professor na universidade. Entre as cartas que ele escreveu durante a sua juventude é grande o espaço dedicada ao filósofo. Esperar-se-ia de Freud que gostaria de ver a sua psicanálise elevada ao status de ciência, que ele dedicasse maior espaço nesses relatos a algum mestre nas ciências, mas não a um filósofo.

Em uma carta a Eduard Silberstein, Freud chegou a escrever que, sob a influência de Brentano, estaria amadurecendo a ideia de cursar um doutorado em filosofia, com base na filosofia e na zoologia. Na mesma época em que Freud demonstrava tal interesse de ingressar na Faculdade de Filosofia, percebe-se o mesmo interesse pelos pensamentos de Friedrich Nietzsche e Ludwig Feuerbach.

Mais tarde, Freud afirma que preferiu, durante muitos anos de sua vida, manter-se distante da filosofia para não sofrer sua influência. No entanto, notamos em vários momentos da obra de Freud, principalmente na que tratamos aqui, que o pai da psicanálise não deixa de ser impregnado pela cultura de seus anos de formação, inclusive as suas leituras durante esses anos.

Pouco investigada é a obra de Feuerbach no Brasil. A maioria dos interessados em seus escritos realiza uma leitura marxista dos mesmos. Apesar de compreender a influência do pensamento de Karl Marx nos textos de Feuerbach sobre religião, nos deteremos apenas na relação entre o pensamento de Feuerbach em *A Essência do Cristianismo*, obra mais famosa do autor acerca do fenômeno religioso, e o pensamento de Freud a respeito da religião em *O Futuro de Uma Ilusão*.

2.2.1. RELIGIÃO COMO ILUSÃO: RESSONÂNCIAS DO PENSAMENTO FEUERBACHIANO NA OBRA DE FREUD

De acordo com Peter Gay, são evidentes os motivos pelos quais Freud admira o pensamento do filósofo Feuerbach:

Um herdeiro do Iluminismo do século XVIII como Freud necessariamente encontraria muitos motivos de admiração em Feuerbach, intelectualmente o mais vigoroso entre os hegelianos de esquerda. Feuerbach havia cultivado um estilo depurado das áridas abstrações que desfiguravam a prosa acadêmica alemã, e uma postura combativa que encantava, ou amedrontava, seus leitores ao brandir armas contra os “juízos tolos e pérfidos” de seus detratores. (GAY, 2010, p. 43).

Feuerbach (1804-1872) foi um dos jovens hegelianos esquerdistas. De Hegel, Feuerbach utiliza o conceito de alienação, muito usado posteriormente por Karl Marx. Para ele, não foi Deus que criou o homem, mas Deus é uma criação humana e o homem não é feito a sua imagem e semelhança, mas projeta na figura de Deus a sua imagem idealizada, o que ocasiona uma despersonalização. O homem religioso adora um Deus que ele mesmo criou e não se pertence. Assim se dá a “alienação religiosa”, a partir do processo antropomórfico que culmina na alienação do homem.

Já em 1841, Feuerbach interpreta a religião por duas vias. A saber, a partir da análise do “fenômeno psicológico do cristianismo” e da “ênfase dada ao sentido prático e existencial da vida humana, na qual um sentimento revela possuir maior força e maior poder que o tranquilo exercício da atividade teórica do conhecimento”⁶.

Destacamos aqui a análise do “fenômeno psicológico do cristianismo” por Feuerbach em *A Essência do Cristianismo* para aproximá-lo de Freud e suas considerações acerca da religião em *O Futuro de Uma Ilusão*. Neste sentido, antes de Feuerbach nem mesmo Kant abordou com tanta ousadia o problema da religião. Kant se retrata das suas críticas à religião no Prefácio da segunda edição da *Crítica da Razão Pura*. Feuerbach, ao contrário, mantém suas críticas, o que lhe trouxe uma série de problemas para sua vida pessoal, além de pouquíssimo reconhecimento acadêmico.

Feuerbach critica a ideia de que a moralidade só é possível a partir da religião. Segundo ele, é possível uma ética racional sem qualquer base religiosa, pois a virtude é muito mais importante do que qualquer crença ou religião, que pressupõe a ilusão.

⁶ Feuerbach aponta para uma “metamorfose da filosofia da religião em psicologia da consciência religiosa e desta em antropologia”, em *A Essência do Cristianismo*, o que nos permite compreender que o seu esforço de analisar o cristianismo, assim como o que seria “a raiz última” de todas as religiões – sua filosofia da religião – parte de uma necessidade de compreensão dos fatores psicológicos que levam o homem a desenvolver uma consciência religiosa, o que facilitaria posteriormente, analisar a religião segundo um aspecto antropológico.

No cerne do cristianismo há várias contradições criticadas por Feuerbach. Por exemplo, a eucaristia, que acontece a partir do ato de comer o pão, símbolo do corpo de Cristo, e beber o vinho, símbolo do sangue de Cristo. Tanto comer como beber são atividades necessárias que naturalmente se faz com prazer e, muitas vezes, por prazer. No entanto, é vetado aos cristãos comer o pão e tomar o vinho da eucaristia com prazer. É impossível comer e beber sem usar os sentidos. Entretanto, os mesmos são reprimidos duramente pelo cristianismo. E a explicação da eucaristia como uma prática simbólica é insuficiente, pois apenas racionaliza a mesma.

Feuerbach critica também a contradição presente na noção cristã de amor, pois os cristãos, apesar de terem o imperativo de amar aos seus irmãos – e pressupõe-se que todos os homens são irmãos, pois deus é “pai” de todos –, só amam os seus iguais porque se vêem como superiores aos não-cristãos, hereges e inimigos do personagem central do cristianismo, Jesus Cristo. Isto contradiz a ideia de humildade cristã, pois ao se sentir superior aos não-cristãos o cristão – de forma velada – está sendo orgulhoso. O amor, do cristão, que só existe por outro cristão, é fundado na fé. Assim, amor e fé são contraditórios, pois segundo os cristãos “Deus é amor”, mas os mesmos, baseados em sua fé, só podem amar aos seus iguais.

É por este motivo que, para Feuerbach, a religião deverá ser substituída, no futuro, pela cultura, pela ética e pelo humanismo, pois estas podem unir os homens, ao passo que a religião os separa, devido as discordâncias entre cada uma delas e principalmente com aqueles que não têm religião.

A religião é o que diferencia os homens dos outros animais. Somente os homens são capazes de ter religião. Feuerbach inicia a introdução de seu *A Essência do Cristianismo* afirmando justamente que “A religião repousa na *diferença essencial* entre o homem e o animal – os animais não têm religião” (2007, p. 9). Em uma nota de rodapé, o autor, ressalva que não é sua intenção rebaixar a essência dos animais, mas não lhe cabe, discutir isso neste momento.

O que permite o homem ter religião, ao contrário dos outros animais, embora seja ele um animal racional, é sua capacidade de imaginar. Para Feuerbach, a

religião, em especial o cristianismo, é uma espécie de “projeção” patológica que, a partir da imaginação, cria um ser dotado de atributos humanos. Assim, com o cristianismo o homem antropomorfiza a figura de Deus, empregando-lhe características dele mesmo, fazendo da figura de Deus o seu “espelho” e da essência de Deus a mesma humana:

A essência divina não é senão a essência humana, ou melhor, a essência do homem purificador, liberta das limitações do homem individual, objetivada, isto é, intuída e adorada como uma essência própria, diferente, distinta dele. Todas as determinações da essência divina são, por isso, determinações humanas. (FEUERBACH, 2007, p. 24).

Nota-se que, desta forma, Feuerbach ultrapassa a análise teológica do fenômeno da religião e parte da filosofia da religião em direção a uma antropologia, passando antes por uma psicologia da consciência religiosa. Este percurso resultará na conclusão de que, na sua “essência” psicológica, a religião é uma ilusão.

A ilusão da religião reside na eliminação da separação entre humano e divino. Ao contrário dos pensadores modernos, como Kant e Hegel, que negam a cognoscibilidade de Deus e que assim, segundo Feuerbach, negam o próprio Deus, em Feuerbach as qualidades divinas passam a ser iguais às qualidades humanas.

Segundo Feuerbach (2007), a raiz das religiões encontra-se na relação do homem com sua existência e no conflito entre o sofrimento inerente à vida e a busca pela felicidade. A religião parece para Feuerbach, tal qual escreve Freud em 1927, como uma ilusão consoladora, capaz de amenizar a sensação de desamparo do homem diante dos sofrimentos proporcionados pela experiência da vida, da existência, e motivar a aspirar uma felicidade que virá, se não nesta vida, em uma espécie de “vida” futura. Desta forma, é impossível não reconhecer as semelhanças entre os dois pensamentos, de Feuerbach e Freud, sobre o fenômeno religioso. Ambos reconhecem a religião, em sua natureza psicológica, como ilusão.

Devido às evidentes semelhanças entre as interpretações de Freud e Feuerbach acerca da religião há uma considerável literatura secundária especializada sobre a relação que se pode estabelecer entre os dois pensadores. Por exemplo, Peter Gay (2010, p.43) aponta que Feuerbach se dizia “um pesquisador intelectual da natureza – um *geistiger Naturforscher*” e que esse “era um nome que Freud julgaria adequado para si próprio”.

Certamente, Feuerbach representa a mais evidente influência filosófica sobre Freud no que diz respeito à religião. Assim como o filósofo, Freud defende a ideia de projeção⁷:

[...] uma operação na qual o sujeito expulsa de si e localiza no outro, pessoa ou coisa, as qualidades, os desejos, os afetos, os sentimentos e até mesmo os “objetos” que estão internalizados e ele desdenha e/ou recusa aceitar e/ou admitir que lhe são pertencentes. (LAPLANCHE E PONTALIS, 1986).

A ideia de projeção está em Feuerbach (1997, p. 55) no reconhecimento de Deus como projeção do homem. Para ele, consciência e conhecimento de Deus e do homem se equivalem. Assim, a religião seria uma espécie de “manifestação pública” dos segredos do homem.

O filósofo concebe a religião como manifestação do conhecimento que o homem nutre por si mesmo. Desta forma, Deus traria em si a essência de um antropomorfismo e a religião é uma “invenção humana”, representa uma projeção à imagem do homem. Tal qual o pré-socrático Xenófanes (1973) já pensara, não seria

⁷ Segundo Sandler (1989, p.14), Freud usou o termo “projeção” de várias formas, mas, no sentido amplo, “[...] como a tendência a buscar uma causa externa, antes que interna [...]”. Quando algo no interior é modificado e há alguma dificuldade de aceitar a causa interna, tende-se a buscar explicar como sendo resultado somente de acontecimentos externos. Em Totem e tabu (1974), Freud trata da projeção como um “procedimento defensivo, comum tanto na vida mental normal quanto na patológica” (p.48), assim como é comumente encontrada em ação nos casos de paranoia, também está presente na vida das pessoas normais, por exemplo, no comportamento supersticioso.

o homem uma criação divina que traria a semelhança com seu criador, mas os deuses criaturas humanas, pensados a semelhança dos seus criadores⁸.

Assim como Feuerbach entende a ideia de Deus como uma criação humana e, por isso, o homem via em Deus a si mesmo, Freud compreende a religião e as leis religiosas como um produto cultural e uma criação humana devido a sua necessidade⁹. Tal criação foi necessária até certo ponto, mas deverá ser superada pela razão, no futuro, como o movimento iluminista propôs.

Compreende-se então que em Feuerbach religião é ilusão na medida em que o homem religioso pensa adorar a um Deus superior e criador dele e de todas as criaturas e coisas existentes na Terra, enquanto que, na verdade, ele adora a si mesmo, a uma projeção daquilo que ele é.

Freud, acrescenta que embora as ideias religiosas aproximem-se de delírios, diferem desses últimos pelo fato de terem como fator essencial a contradição com a realidade. Elas são ilusões na medida em que se originam do desejo humano.

Desmascarar as ideias religiosas como ilusões não é necessariamente negar-lhes qualquer validade. Freud distinguiu enfaticamente entre ilusão e delírios: a primeira é definida não por seu conteúdo, mas por suas fontes. “O que as mantém características das ilusões é sua derivação a partir de desejos humanos”. Elas podem até se tornar verdadeiras; [...]Mas as ilusões tais como a crença de que o Messias virá para estabelecer uma idade dourada, são muito menos prováveis e se aproximam do pensamento delirante. (GAY, 2010, p. 482)

⁸ Em seus fragmentos, Xenófanes escreve “os egípcios dizem que os deuses têm nariz chato e são negros, os trácios, que eles têm olhos verdes e cabelos ruivos” (1973, p.70)

⁹ Segundo Freud (1927/1974), a necessidade da religião se origina na necessidade humana de se defender da natureza enquanto força opressora, que muito frequentemente surpreende o homem com fenômenos inesperados e/ou dolorosos como catástrofes naturais, doenças e a morte, o fenômenos irremediável e necessário. Diante disso, a religião funciona como uma ilusão consoladora, noção sobre a qual trataremos em outro tópico deste capítulo.

Percebe-se assim que o fato de tanto Freud quanto Feuerbach compreenderem a religião enquanto ilusão aproxima os dois pensadores. No entanto, é necessário compreendermos minimamente o conceito de ilusão em Freud.

2.2.2. O CONCEITO DE ILUSÃO EM FREUD

Segundo o dicionário Aurélio, a palavra ilusão significa “engano dos sentidos ou da mente, que faz tomar uma coisa por outra; sonho, devaneio”. (FERREIRA, 2001, p. 402)

Na 59ª edição da Revista Língua Portuguesa, o termo ilusão é descrito como substantivo derivado do verbo *illudere* (brincar, zombar, insultar), que significa em português iludir. Ilusão ganha o significado de engano dos sentidos ou do entendimento, a partir do século XVII, é este sentido que será adotado pela língua portuguesa, porém, no francês arcaico, ilusão (*illosiun*) designava um gracejo, igualmente como no latim medieval e como podemos encontrar no livro de *Eclesiastes*.

O texto da revista destaca que a ilusão é um tema muito recorrente na literatura, na escultura e na pintura barrocas. Já na filosofia, “a ilusão entrevê-se já na figura do *Malin Génie* de Descartes – que teria o poder de enganar nossos sentidos – e é central na filosofia de Berkeley”. (2010, p. 60)

A psicanálise, porém, atribui à ilusão um significado muito diverso daquele usado coloquialmente ou de qualquer significado apresentado no melhor dos dicionários. Mesmo na Revista da Língua Portuguesa não encontramos o significado de ilusão usado por Freud. Esta significação não atravessa a ideia de verdade, realidade ou erro. Não é enquanto engano dos sentidos que leremos a ilusão em Freud, mais especificamente em *O Futuro de Uma Ilusão*, nem analisaremos a

origem lógica da ilusão nos enunciados, mas sua origem e potencialidade psíquica no âmbito da religião.

O sentido adotado para ilusão em Freud se opõe ao sentido cotidiano na medida em que este último se relaciona à ideia de fuga da realidade ou engano, já que a ilusão não necessariamente significa divergência com a realidade, mas uma espécie de expressão da realidade psíquica, que é singular e, por isso, não pode ser classificada como certa, errada ou enganada no mesmo sentido que usamos comumente.

Entendendo o conceito freudiano de ilusão como marcado pelo componente “realização de desejo”, compreende-se que esta noção já se faz presente na obra de Freud desde muito antes de 1927, ano de publicação da obra que estudamos aqui. Em *A Interpretação dos sonhos*, por exemplo, ainda no final do século XIX, a noção de ilusão aparece pela primeira vez na obra de Freud.

Em 1908, em *Escritores Criativos e devaneio*, esta ilusão aparece em sua obra fazendo uma relação entre a brincadeira infantil e a criação literária, pois para Freud a literatura, serve como um substituto da brincadeira infantil, fazendo com que o leitor possa se reconhecer na obra e ter satisfações que seriam proibidas ou impossíveis fora da obra literária. Neste sentido, ilusão aproxima-se de fantasia: ela é uma brincadeira criada por adultos e para adultos.

Em 1914, em *À Guisa de Introdução ao Narcisismo*, o componente desejo já se delineia na noção de ilusão no texto freudiano. O problema da satisfação do desejo no esforço de recuperação do narcisismo primário já se aproxima da noção que Freud escreverá em 1927. Mas neste último texto a ilusão da religião, este fenômeno coletivo, é marcada também por uma proteção compensatória, uma espécie de defesa contra o desamparo inerente à condição humana. Assim, a ideia de desejo, tão importante para a compreensão da noção de ilusão em *O Futuro de Uma Ilusão*, já é inscrita na obra freudiana em 1914.

Em 1920, em *Além do Princípio do Prazer*, Freud insere na noção de ilusão a ideia de uma “pulsão para a perfeição”, que serve de defesa diante da pulsão de morte e da própria ideia da morte a partir da constatação de que a vida é um estágio anterior a este fim. Assim, servindo como princípio de uma defesa contra a pulsão

de morte, a ilusão é apresentada por Freud em 1920 e reafirmada em 1921 como uma “ilusão benévola” (1920/1976, p. 60).

Vimos que o componente desejo na noção de ilusão aparece já bem delineado em 1914. Porém, o desejo neste texto se dá em relação a uma necessidade de completude narcísica primária, infantil, enquanto que em 1920 o mesmo componente já é escrito vinculado a ideia de defesa.

Em 1921, em *Psicologia das Massas*, a noção aqui abordada alia as ideias de desejo e proteção, que aparecem na obra de Freud a partir do texto de 1908. Porém, temos agora uma noção de desejo de preservação do princípio do prazer aliado à defesa da pulsão de morte e à crença no amor do líder, que na religião aparece como a figura de um Deus ou de um “sacerdote”. Para os indivíduos do grupo, a crença no amor do líder serve como proteção contra a hostilidade presente no narcisismo, facilitando a constituição do grupo, já que é a hostilidade do narcisismo que dificultaria a constituição de grupos.

Inseridos em um grupo, os indivíduos integrantes sentem-se onipotentes por serem “amados pelo líder”, consequência do sentimento de identificação entre os mesmos e o líder. Neste sentido, ilusão não representa agora somente uma tentativa de resistência ao princípio de realidade e um esforço do desejo narcísico para a preservação do princípio do prazer, mas também representa a possibilidade de constituição de grupos fortes internamente e hostis à exterioridade, fundados na crença do amor do líder.

A ideia de que esses grupos preservam a coesão dos indivíduos que dele participam, e fortalecem a hostilidade àqueles externos a ele, aproxima novamente o pensamento freudiano ao feuerbachiano. Segundo a análise de Feuerbach, no cristianismo há contradição entre amor e fé, pois a religião a partir da fé, é formadora de um grupo, crente no amor de um líder (Jesus Cristo no caso do cristianismo) e no entanto, este amor protege os indivíduos do grupo à hostilidade do que é externo a ele, já que os indivíduos do grupo sentem-se amados pelo líder e amam os seus pares, mas os mesmo indivíduos permanecem hostis aos outros grupos e aos indivíduos sem grupo.

Assim, percebemos que a ilusão também serve como ponto inicial para formações culturais, considerando sua característica defensiva e protetora, como vemos em *O Futuro de Uma Ilusão*. É neste texto, inclusive, que podemos ler uma definição de ilusão completa:

Uma ilusão não é a mesma coisa que um erro, nem tampouco um erro. [...] O que é característico das ilusões é o fato de derivarem de desejos humanos. [...] As ilusões não precisam ser necessariamente falsas, ou seja, irrealizáveis, ou em contradição com a realidade [...] (Freud, 1927/1974 p. 43)

Compreende-se, portanto que a ideia de ilusão no texto de 1927 deriva do desejo humano de proteção por um pai, o que advém da experiência primária de desamparo. É deste modo que religião é ilusão, na medida em que nega o desamparo, contribui para o esforço de preservação de uma completude narcísica e se constitui enquanto componente alienante e defensivo na constituição do indivíduo.

Em *O Futuro de Uma Ilusão*, o conceito de ilusão é associado à ideia da incerteza do futuro. A vida após a morte, que para Freud sempre foi uma ideia insensata, apresenta-se como uma ilusão criada pela religião como proteção diante de um futuro incerto e duvidoso. Percebemos assim que as ideias religiosas enquanto ilusões representam a efetivação dos mais fortes e primários desejos da humanidade, como o desejo de vencer a morte, de superá-la através de uma vida após a morte.

Para definir ilusão, Freud inicialmente distingue esta noção da ideia de erro. Assim, utiliza-se de exemplos, divididos em dois grupos. O primeiro contém a crença de Colombo na descoberta de um novo caminho marítimo para as Índias; a crença de que as crianças são criaturas sem sexualidade; a crença da moça de que seu príncipe chegará e a crença dos crentes na volta do Messias. No segundo grupo são dados dois exemplos: a crença de Aristóteles ao imaginar que os insetos se desenvolvem a partir do esterco e a crença, de uma geração anterior de médicos, de que uma doença degenerativa da medula espinhal constitui resultado de excessos

sexuais. Para Freud, os exemplos do primeiro grupo são ilusões e os do segundo grupo são erros.

Freud quer principalmente mostrar que as ilusões derivam dos desejos humanos, sejam elas ilusões que se mostram “falsas”, ou possíveis de ocorrer, e mesmo aquelas que são difíceis de encontrar e que se mostram verdadeiras. Não encontramos nos “erros” a presença do desejo em seu cerne. Assim, a presença do desejo na formação de uma crença assume um papel preponderante em sua crítica à religião, redefinindo-a como “crença de ilusão”:

Podemos, portanto, chamar uma crença de ilusão quando uma realização de desejo constitui fator proeminente em sua motivação e, assim procedendo, desprezamos suas relações com a realidade, tal como a própria ilusão não dá valor à verificação. (Freud, 1974, p. 95).

As ilusões são definidas por suas fontes, e não por seu conteúdo. As ilusões podem se aproximar do pensamento delirante e, em se tratando de ilusões religiosas, pode-se dizer que isso é sempre mais comum, mas existe também a possibilidade de ilusões tornarem-se verdadeiras. Afinal, não é a incapacidade de realização, mas o componente desejo que caracteriza a ilusão. Segundo Freud, o segredo da força das ilusões é a força dos desejos humanos dos quais ela deriva.

As religiões, enquanto ilusões, não são suscetíveis de prova, aproximam-se de delírios (aquelas que são muito improváveis e incompatíveis com a realidade) e são isentas de juízo. Isto é, a maioria delas não pode ser provada ou refutada e por isso é impossível criticá-las e formar qualquer juízo a respeito delas. Assim, o conjunto de ideias religiosas, que constituem a doutrina de determinada religião, é composto por diversas hipóteses, que algumas vezes são irrealizáveis, mas sempre levam o homem a um alívio dos sofrimentos inerentes a sua condição. Deste modo, a religião se constitui como uma “ilusão consoladora”.

Por mais que a religião se constitua enquanto uma ilusão consoladora, que auxilia o homem na convivência com os temores que resultam da condição humana,

ela merece ser progressivamente abandonada. Tal abandono deve começar pela ilusão da existência de Deus que, também segundo Feuerbach, constitui uma ilusão basilar da religião, mas é contraditória e alienante, já que Deus – tanto para este pensador, quanto para Freud – é uma criação humana, sendo uma espécie de reflexo, em Feuerbach, do próprio homem ou, em Freud, do desejo humano.

Em Atos obsessivos e práticas religiosas, no que Peter Gay (2010, p.478) chama de “tentativa refinada e intrigante de unir religião e neurose sob o mesmo jugo”, Freud constata uma similitude entre os atos do neurótico obsessivo e cerimonial público da prática religiosa: “[...] a neurose obsessiva parece uma caricatura ao mesmo tempo cômica e triste de uma religião particular, mas é justamente essa diferença decisiva entre o cerimonial neurótico e religioso que desaparece quando penetramos, com o auxílio da técnica psicanalítica de investigação, no verdadeiro significado dos atos obsessivos”.

No momento de retomada de alguns dos principais argumentos iluministas, promovida pelo Círculo de Viena, quando Freud se dedicava a elaboração da teoria psicanalítica que, posteriormente, pretendia tornar científica, o positivismo se impõe e impõe a ciência sobre a religião, identificando-a como instituição repressora e castradora. Assim, a fé e a crença são identificadas como empecilhos para o desenvolvimento da razão e da ciência.

Como já foi dito, buscamos compreender em nossa dissertação os aspectos mais filosóficos suscitados pela discussão entre religião e ciência em *O Futuro de uma Ilusão*. Nesta obra, Freud não se interessa simplesmente pelo problema das origens da fé, mas, como ele mesmo dirá em *O Mal-estar na Civilização*, pelo que o homem concebe como religião:

Em meu trabalho *O Futuro de uma Ilusão* [1927], estava muito menos interessado nas fontes mais profundas do sentimento religioso do que naquilo que o homem comum entende como sua religião - o sistema de doutrinas e promessas que, por um lado, lhe explicam os enigmas deste mundo com perfeição invejável, e que,

por outro, lhe garantem que uma Providência cuidadosa velará por sua vida e o compensará, numa existência futura, de quaisquer frustrações que tenha experimentado aqui. (1974, p. 92)

Assim, compreende-se que esta obra não é estritamente psicanalítica. Em uma carta de 26 de novembro de 1927, Freud escreve que “as opiniões contidas no trabalho não constituem partes integrantes do edifício doutrinário da psicanálise” e que se utilizou “certos argumentos psicanalíticos – na verdade apenas um – isso não deve impedir ninguém de utilizar a mesma metodologia imparcial para analisar as opiniões contrárias”. (FREUD, E. L., MENG, H., 1988, p. 122)

2.3. FREUD ENTRE A CIÊNCIA E A FILOSOFIA

Sabemos que o objetivo último de nossa pesquisa é fazer uma leitura filosófica de *O Futuro de Uma Ilusão*, compreendendo a teia conceitual que constitui o discurso cientificista do autor neste texto e sua relação com a noção de religião como ilusão. Buscaremos antes, porém, compreender a relação de Freud com a filosofia.

É importante notar como o ideal iluminista que apresenta a razão e, por conseguinte a ciência, como uma proposta para substituto da religião enquanto resposta às necessidades de amparo do homem, e que, na figura de Freud, identifica a religião como uma ilusão, oferece uma nova ilusão para substituir aquela já identificada.

O iluminismo traz mesmo em seu conceito de esclarecimento e em sua “crença” na ciência – pensamento tão nítido no momento da obra freudiana que estudamos aqui – uma ilusão. Adorno e Horkheimer, em seu texto *O Conceito de Esclarecimento*, fazem esta interpretação do esclarecimento, como lemos em Souza (2011):

Ou seja, Horkheimer e Adorno (1947/1985) sugerem que, exatamente como o pensamento mítico, o esclarecimento agiria como uma espécie de mecanismo de defesa narcísico ante a angústia do homem frente ao desconhecido. Portanto, seria em si mesmo uma ilusão (p. 471)

O iluminismo traria as luzes da razão para tirar o homem de sua “minoridade”, de sua dependência do pensamento mitológico e dogmático e estabeleceria uma nova visão de mundo. Não é mais a ideia de Deus que centraliza todas as respostas para os questionamentos humanos, bem como ampara a humanidade e oferece uma esperança de felicidade, mas a razão, aliada à experimentação e à ciência, que oferece o subsídio para responder e conceber as respostas às mais variadas questões humanas.

É importante ressaltar que a perspectiva defendida por Adorno e Horkheimer (1985), de que o esclarecimento seria também uma ilusão chega a Freud de forma semelhante através de Oskar Pfister. O pastor, ao ler *O Futuro de Uma Ilusão*, responde ao seu amigo que o “projeto” de substituição da religião pela ciência resultaria na criação de outra ilusão.¹⁰

Em seu artigo “O interesse científico da psicanálise,” escrito em 1911 e publicado somente dois anos depois, em 1913, Freud comenta as bases da psicologia psicanalítica, sinalizando para o interesse que outras áreas do conhecimento teriam nas teorias psicanalíticas. Neste mesmo artigo, de 1913, Freud escreve sobre a filosofia:

¹⁰ Sobre a relação entre Freud e Pfister e a ciência sendo apresentada como uma nova ilusão, discorreremos no próximo capítulo.

As doutrinas e sistemas filosóficos são obra de um número reduzido de pessoas de notáveis dotes individuais; em nenhuma outra ciência a personalidade do trabalhador científico alcança, nem mesmo aproximadamente, um papel tão importante quanto na filosofia. (Freud, 1913/1995, p. 201).

É possível então dizer que, neste sentido, a psicanálise contribui com a filosofia? Em uma carta a Max Eitingon, de 22 de abril de 1928, Freud afirma que “Os filósofos creem sem dúvida que eles contribuem com seus estudos ao desenvolvimento do pensamento humano, mas há um problema psicológico ou até mesmo psicopatológico atrás de cada um deles” (Jones, 1969/1975, p. 159-160).

A psicanálise dedica-se aos problemas referentes ao inconsciente, às psicopatologias, aos problemas psicológicos, com os quais a filosofia não pode lidar. Ambas contribuem para o desenvolvimento do pensamento humano, mas a psicanálise começa onde a filosofia não consegue alcançar. A filosofia investiga, por exemplo, determinada produção intelectual, mas é a psicanálise que compreenderá o que está por trás de tal produção, quais os jogos pulsionais, os componentes de personalidade as disposições constitucionais que a impulsionaram: “[...] a psicanálise pode desvelar a motivação subjetiva e individual de doutrinas filosóficas vindas de um trabalho lógico imparcial e designar para a crítica os pontos fracos do sistema” (Freud, 1913/1995, p. 201). Isto, porém, ainda segundo Freud, não exclui da teoria: “...a sua justeza científica” (1913/1995, p. 202).

Na 35ª das Novas Conferências, A questão de uma Weltanschauung, Freud diferencia a psicanálise da filosofia enquanto “visão de mundo” dizendo que ela não é “uma construção intelectual que resolve de maneira unitária todos os problemas de nossa existência a partir de uma hipótese subsumida, na qual, por consequência, nenhuma questão resta aberta, e tudo o que retém nosso interesse encontra seu lugar determinado” (Freud, 1933/1995, p. 242).

Enquanto a filosofia parte de conceitos fundamentais rigorosamente definidos, a partir dos quais ela buscar compreender totalidades, a psicanálise é um ciência

empírica, e enquanto ciência, busca resolver problemas particulares, utilizando-se de observação, teorizando somente a partir daí. Além disso, os conceitos basilares da psicanálise não são claros, seus pressupostos são provisórios “e ela espera de seu trabalho futuro uma determinação mais rigorosa destes” (Freud, 1923/1991, p. 203-204). Há de se ressaltar também que filosofia e psicanálise, tanto em seus caracteres teóricos quanto práticos, divergem em seus objetivos.

Apesar das divergências entre filosofia e psicanálise, explicitadas em diversos momentos da obra de Freud, o pai da psicanálise nunca deixou de buscar na filosofia elementos para a formulação de suas teorias. Ao longo deste segundo capítulo vimos fundamentalmente a influência de Kant e Feuerbach ao pensamento freudiano exposto em *O Futuro de Uma Ilusão* e em outras obras suas que servem de apoio para a leitura desta. Porém, em vários outros momentos de sua obra, nota-se referências implícitas – na maioria das vezes – às formulações de vários filósofos¹¹. Por exemplo, Diderot (importante iluminista), ao falar do Complexo de Édipo como inerente à natureza humana, Platão e Aristóteles, ao falar da realização de desejos nos sonhos, Schopenhauer na teoria da pulsão de morte – fundamental em *O Mal-estar na Civilização* –, entre outros não citados.

Para Freud, a psicanálise distancia-se da filosofia na medida em que se constitui enquanto ciência da natureza. Ernst Mach, porém, nos fala da relação de Freud entre a ciência e a filosofia de modo muito elucidativo: “o que o filósofo toma como ponto de partida possível só aparece ao cientista como o fim bem distante em direção ao qual tendem seus esforços” (Mach, 1992, p. 15).

¹¹ Sobre a citada referência a Diderot, pode-se ler em: FREUD, 1916-1917/1999, p. 428; Id. 1931/1995b, v.19, p.41 e ainda Id., 1940/1985, p.64; Sobre a referência a Aristóteles, lê-se em Id., 1900/1980, p. 12; Id., 1916-1917/1999, p. 113; Id., 1917/1988a, v. 13, p. 258; Id., 1930/1994, v. 17, p. 351; e ainda em Id., 1933/1995d, v. 19, p. 96; A relação com Platão pode ser lida em Id., 1900/1980, p. 66 e Id., 1916-1917/1999, p.188; Já a relação entre Freud e Schopenhauer, no que tange à pulsão de morte, encontra-se em Id., 1920/1996a, v. 15, p. 323).

Defendemos, porém, que, por mais que em sua maturidade Freud queira se distanciar da filosofia, em diversos momentos, ele se apoiará na metodologia das ciências da natureza, aspirando inserir sua psicanálise entre elas, mas não pode ocultar as influências filosóficas que pesam sobre sua obra, principalmente sobre a que trabalhamos aqui. *O Futuro de Uma Ilusão*, talvez seja, apesar de e principalmente por seu teor cientificista, a mais filosófica de suas obras.

“Apesar de” porque nesta obra fica muito evidente a tentativa de Freud negar a possibilidade de identificação da psicanálise com a filosofia e o seu esforço para identifica-la enquanto ciência. E “principalmente por” ser tão evidente, também nesta obra, a sua proximidade com os filósofos iluministas e principalmente com Feuerbach, que já havia interpretado a religião como ilusão e defendido esta teoria filosoficamente, não muito diferente do que mais tarde fará Freud.

É, portanto, a partir desta breve análise da relação de Freud com a filosofia e dos antecedentes e influências que pesam sobre seu discurso cientificista em *O Futuro de Uma Ilusão* que propomos, no próximo capítulo, uma leitura dos demais elementos da obra que possibilitarão a compreensão mais completa dos objetivos e motivações que justificam e permeiam a publicação do texto freudiano de 1927.

CAPÍTULO 3: O FUTURO DE UMA ILUSÃO E A ILUSÃO DESTE FUTURO

O homem comum entende como sendo a sua religião um sistema de doutrinas e promessas que, por um lado lhe explica os enigmas deste mundo com uma perfeição invejável, e que por outro lhe garante que uma Providência atenta cuidará da sua existência e o compensará, numa futura existência, por qualquer falha nesta vida. O homem comum só consegue imaginar essa Providência sob a figura de um pai extremamente elevado, pois só alguém assim conseguiria compreender as necessidades dos filhos dos homens ou enternecer-se com as suas orações e aplacar-se com os sinais dos seus remorsos. Tudo isto é tão manifestamente infantil, tão incongruente com a realidade, que para aquele que manifeste uma atitude amistosa para com a humanidade é penoso pensar que a grande maioria dos mortais nunca será capaz de estar acima desta visão de vida.

É ainda mais humilhante descobrir como é grande o número de pessoas, hoje em dia, que não podem deixar de perceber que essa religião é insustentável, e, no entanto, tentam defendê-la sucessivamente, numa série de lamentáveis atos retrógados. Gostaríamos de pertencer ao número dos crentes, para podermos advertir os filósofos que tentam preservar o Deus da religião substituindo-o por um princípio impessoal, obscuro e abstracto, e dizemos: «Não usarás o nome de Deus em vão!». Alguns dos grandes homens do passado fizeram o mesmo, mas isso não serve de justificação para nós; sabemos porque é que tiveram que o fazer.

(Sigmund Freud)

A contradição em *O Futuro de Uma Ilusão* reside no fato de Freud realizar, com a psicanálise, uma ruptura com o pensamento ocidental que supervalorizava o pensamento racional, consciente, cartesiano, em detrimento da vida inconsciente. E, no entanto, na referida obra, produzir um “elogio” não apenas à racionalidade, mas à ciência, seguindo o modelo cientificista de pensamento inaugurado pelo Iluminismo.

A aparente contradição contida no discurso de Freud tem sua razão de ser. O pai da psicanálise inaugurara uma forma de produzir ciência que ainda não havia

sido reconhecida como tal. Freud criara uma ciência que tinha como objeto o inconsciente. E, para legitimá-la, precisava atender às regras do cientificismo.

O Futuro de Uma Ilusão não se encerra, porém, no intuito de Freud legitimar a psicanálise enquanto ciência. No texto de 1927, o autor pretende analisar a origem da necessidade do homem ter alguma crença religiosa e, considerando a religião como manifestação e produto cultural, concebe-a como ilusão.

3.1. CONTEXTO HISTÓRICO DE O FUTURO DE UMA ILUSÃO

Compreendendo a importância do contexto histórico de O Futuro de uma Ilusão para o estudo do pensamento freudiano acerca da origem da crença, pretende-se fazer nesta pesquisa uma breve contextualização histórica que nos auxiliará a compreender a base da representação freudiana da imagem de Deus e da necessidade de religião no texto aqui tratado.

Em 1927, Freud já havia elaborado o Projeto para uma Psicologia Científica (1895/1950), apresentado as primeiras descrições sobre a mente em A Interpretação dos Sonhos (1900) e dado indícios nestas obras da sua visão “naturalista” da religião, demonstrando assim seu anseio por substituir a metafísica por metapsicologia (1901/1904). Além de haver explicitado o significado etiológico da vida sexual e da importância das experiências infantis em Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade (1905), demarcado as suas contribuições sobre os problemas culturais trazendo à luz o mito do pai primevo com a publicação de Totem e Tabu (1912-1913), introduzido a sua metapsicologia nos artigos de 1915, exposto o seu posicionamento acerca da tolerância da vida e negação da morte em Reflexões sobre os Tempos de Guerra e Morte e Sobre a Transitoriedade nos ensaios de 1915, escritos logo após a deflagração da I Guerra Mundial, desenvolvido o seu pensamento sobre as pulsões em Além do Princípio do Prazer (1920) e trazido as

atribuições do superego em sua origem no agente paterno, esposado em O Ego e o Id (1923).

Em O Futuro de uma Ilusão (1927), Freud destaca a questão do desamparo humano, considera a religião como ilusão e apresenta em sua obra a ideia de “deus logos”.

A segunda metade do século XIX foi um período de muita relevância para a constituição do pensamento freudiano acerca da psicanálise, principalmente para o que é defendido em O Futuro de uma ilusão, apesar da distância cronológica entre essa época e a data de publicação da obra. Este período marcou a iniciação de Freud à psicanálise. As tragédias pessoais, culturais e sociais e os consequentes sentimentos de perda eram comuns em Viena durante a decadência imperial, e com a deflagração da I Guerra Mundial, este quadro foi acentuado.

Em meio a tantos acontecimentos políticos de caráter “assustador”, falava-se em novos métodos de tratamento de distúrbios mentais, teorias sobre a sexualidade e conflitos de interesses sociais. Um dos temas mais comuns em Viena nesta época era a ligação entre sexo e morte¹².

O período era de “esplendor nervoso”, “decadentista” e “intelectualista”, inúmeras aflições humanas inundavam a realidade, o que fazia da psicanálise um dos principais progressos intelectuais da época.

¹² Um exemplo da recorrência desta temática é o romance de Arthur Schnitzler, intitulado “Breve Romance de Sonho”, que conta a história de Albertina, esposa de Fridolin, um médico vienense muito bem-sucedido, que resolve contar a ele uma fantasia sexual. Fridolin e sua mulher Albertine são jovens, belos, prósperos e têm uma filhinha adorável, na Viena dos anos 1920, eles formam uma família burguesa exemplar. Porém, numa noite, depois de um baile de máscaras e vários goles de champanhe, o médico recebe um chamado de um cliente à beira da morte e quando retorna para casa, Albertina conta a ele uma fantasia erótica: estava num bacanal no qual o marido era condenado à morte. A partir deste momento, Fridolin se vê enredado numa estranha aventura sexual, em que o desejo e o perigo de morte se auto-sustentam. Em determinado momento, Fridolin busca uma forma de traição, movido pelo desejo, impulso, anseio ou vontade de restabelecer, diante de sua esposa Albertine, sua posição social de homem, de marido e de pai, que, para ele, teria sido posta em “xeque”. O sexo, um dos grandes tabus da sociedade, e a morte são os principais elementos da referida novela, na qual o principal personagem, a partir de determinado momento da trama, é envolvido em um mundo no qual a sua vida social até então não tinha lhe permitido enxergar.

Do final do século XIX até o fim da Primeira Guerra, alguns acontecimentos marcaram o cenário Vienense: crise no império, profundo interesse pelas doenças mentais, interesse pelo estudo das perversões sexuais, período de ruína, morte, desespero e sofrimento. Tais acontecimentos geraram um sentimento comum de desapontamento e de incerteza em relação ao futuro, o que fazia surgir um desejo comum de mudança.

Diante de tantas ameaças, é comum que se busque um refúgio, uma “válvula de escape”. Muitos encontraram tal refúgio na religião, alguns na arte, alguns acreditavam na ciência como a portadora da solução dos problemas da vida, outros procuravam refúgio no amor e na diversão.

Bruno Bettelheim, em *A Viena de Freud e Outros Ensaio*, identifica o fato de a psicanálise ter se originado em Viena ao caráter ‘dual’ das condições da cidade na época, “as coisas nunca tinham estado melhores, mas ao mesmo tempo, nunca tinham estado piores”, e da própria psicanálise que baseia-se na “compreensão da ambivalência, da histeria, da neurose”. Declínio do Império, surgimento de histerias e neuroses X bom momento na cena cultural vienense. (BETTELHEIM, 1991, p. 74). Bettelheim parte de uma caracterização da cultura Vienense para nela inserir a origem da psicanálise. Nossa investigação, neste ponto, concorda com a de Bettelheim, apontando para o reconhecimento do cenário vienense como importante para a psicanálise e, em particular, para a obra que trataremos em nossa pesquisa. No entanto, não restringiremos nossa pesquisa a esta perspectiva, compreendendo que tanto obra como autor não reduzem-se totalmente ao contexto histórico em que estão inseridos.

Notamos o clima de ambivalência presente em Viena não apenas marcando a vida, mas também influenciando a obra de Freud. É possível encontrar em diversas obras de Freud ressonâncias dos conflitos vienenses como expressão das preocupações de seu contexto, considerando sempre os aspectos históricos, intelectuais, sociais, econômicos e emocionais. Tais ressonâncias são vistas mais claramente na abordagem de temas relacionados a tendências destrutivas, a compreensão das pulsões e dos distúrbios neuróticos, a teoria da sexualidade

humana, o estudo dos processos mentais inconscientes e, o que nos interessa aqui, os problemas culturais. Neste cenário, é possível notar um incômodo geral frente à realidade, bem como uma recusa da metafísica, uma supremacia da ciência e uma atração pelos temas que retratam as obscuridades da *psique* humana.

Em *O Futuro de uma Ilusão*, Freud retoma o problema da cultura ao analisar a religião cerca de três décadas após o cenário descrito. A discussão central da obra se realiza em torno do esclarecimento do conceito de religião e da crítica ao papel desempenhado pela *Weltanschauung* (visão de mundo) religiosa. Nela, além de serem refutados os argumentos da metafísica, há a tentativa de sobreposição de uma *Weltanschauung* científica à *Weltanschauung* religiosa.

O Futuro de uma Ilusão, que foi escrito na primavera e publicado no inverno de 1927, nos remete à ideia de que naquele momento Freud estava tomado pelo otimismo cientificista e é neste contexto que é escrita sua análise da religião e de seu futuro e retomada a análise das origens do sentimento religioso.

Já sabemos que em *O Futuro de Uma Ilusão* Freud defende a *Weltanschauung* científica, é necessário compreender agora qual sua relação com a religião e a *Weltanschauung* religiosa. Para isso, no próximo tópico trataremos desta relação, enfatizando a importância do judaísmo em sua biografia.

3.2. FREUD: “UM JUDEU SEM DEUS”

Conhecemos o Freud *aüfklärer*, a influência do pensamento iluminista que pesa sobre sua obra e seu ateísmo declarado. Até aqui não tratamos de sua relação com a religião, especialmente com o judaísmo. Porém, tendo em vista que o tema central de nosso texto é a religião na obra freudiana de 1927, é necessário que entendamos esta relação.

Sabe-se que o pai de Freud, Jacob, foi um comerciante judeu que não cumpria todos os ritos de sua religião, preservara apenas aqueles relacionados à páscoa e o hábito de ler a Bíblia em hebraico. Mesmo mantendo-se distante da maioria dos rituais do judaísmo, Jacob decide que Freud será circuncidado oito dias após seu nascimento, o único de seus oito filhos a receber a circuncisão. No entanto, Sigmund não foi educado de acordo com as regras judaicas, mas cresceu sem religião, “não sem respeito pelo que se denomina padrões ‘éticos’ da civilização humana” (FREUD, 1976b, p.315)

Apesar da relação com o judaísmo, a primeira experiência religiosa de Freud foi uma ida a missa com sua ama, Nannie, quando ele tinha entre dois e três anos. A ama é descrita na maioria das biografias de Freud como sua “mestra nas questões sexuais” (GAY, 2010, p. 24). A mesma ama foi demitida e presa em determinado momento de sua infância, por suspeita de furto. Supõe-se que a partir deste momento, o menino Sigmund Freud teria percebido a incoerência entre aquilo que é pregado pela religião que a ama seguia e as atitudes da mesma, mais tarde compreenderia que esta incoerência é mais comum do que lhe parecia inicialmente.

Em muitos momentos de sua infância, quando fazia alguma travessura infantil, Nannie lhe repreendia com alguma ameaça de que Deus lhe castigaria ou de que ele poderia ser mandado para o fogo do inferno. Essas experiências contribuíram para que Freud fizesse uma interpretação do Deus cristão como um tirano que castiga por cada passo humano que lhe desagrade e que ameaça com o inferno. Gradativamente, Freud percebe as representações contraditórias de Deus que compõe a moral cristã da sua época, pois este mesmo Deus tirano é todo amor e representação de todo o bem.

Apesar de ter uma visão crítica da ideia de Deus e da religião e não ser um praticante do judaísmo, Freud carregava a descendência judaica e na adolescência conhece os dissabores de ter tal descendência devido ao antissemitismo presente na época. A partir do ingresso de Freud na universidade, o antissemitismo lhe atingiu mais efetivamente:

Quando em 1973, ingressei na universidade, experimentei desapontamentos consideráveis. Antes de tudo verifiquei que se esperava que eu me sentisse inferior e estranho porque eu era judeu. [...] Jamais fui capaz de compreender porque eu devo sentir-me envergonhado da minha ascendência ou, como as pessoas começavam a dizer, da minha 'raça'. (FREUD, 1976a, p. 19)

Assim, o antissemitismo estava sempre fazendo Freud recordar sua ascendência judaica, a partir de seu ingresso na universidade. Ainda que ele fosse um “judeu sem Deus”, ainda que sua leitura da religião fosse extremamente crítica e mesmo que se destacasse entre os colegas de universidade, ele era visto como inferior pelo pensamento antissemita.

Os primeiros contatos de Freud com ideias religiosas e sua relação com o judaísmo e o antissemitismo certamente influenciaram sua leitura sobre a religião e, por conseguinte, seus textos sobre este tema.

A partir do nascimento da filosofia cristã, no Medievo, com Agostinho, surgem duas formas de abordar a religião, que subjazem a abordagem antropológica, a abordagem da razão e a da revelação. E neste momento a segunda abordagem ganha maior força. É através da revelação que a relação entre humano e divino, a conversão do homem a Deus, existente em grande número das religiões – se não todas – é possível, isto é, é somente a partir da conversão que a fé é possível e esta conversão não se dá a partir de processos racionais de compreensão de qualquer doutrina, mas como revelação.

Freud, porém, como bom filho do iluminismo, recusa a ideia de revelação e a crença em um Deus, pois tal crença não apenas escapa como também opõe-se à compreensão racional. Segundo Ernest Jones (1970):

A figura central do Cristianismo, Jesus, era, aos olhos de Freud, tão embaçada pelos ditos e crenças míticas, evidentemente provenientes de fontes religiosas mais antigas do Oriente, de forma a ficar indistinto a ponto de não se visualizá-lo claramente. Ele pode ter sido um dos muitos pregadores judeus peregrinos da época. Uma vez, em uma conversa sobre o assunto, Freud me disse que Jesus podia até ter sido “uma criatura comum iludida”. Mas Paulo parecia uma pessoa bem mais definida e grandiosa. Era mais obviamente uma figura histórica, o verdadeiro fundador da teologia cristã e, em um sentido importante, da própria religião cristã. (p. 348)

Se houvesse espaço para uma digressão poderíamos discorrer acerca da figura de Paulo e a de Jesus Cristo no Cristianismo e a forma como estas figuras são lidas por filósofos contemporâneos como Nietzsche para apontarmos as semelhanças entre a leitura de Friedrich Nietzsche e Sigmund Freud¹³. Há uma proximidade evidente entre os pensamentos de Freud, expostos na fala do biógrafo Ernest Jones, e Nietzsche a respeito das figuras centrais do cristianismo (Jesus e Paulo) e de sua genealogia, porém nosso foco neste trabalho, e mais especificamente neste tópico, é a relação de Freud com a religião, enfatizando a religião judaica.

Devemos ressaltar, portanto, que Freud manteve sua postura racionalista até o fim de sua vida, porém o tom militante de seu discurso cientificista perde a força nos escritos posteriores à *O Futuro de Uma Ilusão*, o que não significa, porém, um abandono ou mudança de postura. Freud valorizou demasiadamente a ciência e ainda que reconhecesse – até certo ponto – a necessidade humana da religião, a experiência religiosa é menosprezada, diante do valor da razão científica, e comparada a neurose, o que não nos cabe analisar, já que nossa leitura não é psicanalítica.

¹³ Referimo-nos a leitura nietzschiana destas personagens, feita em *O Anticristo*, segundo a qual Paulo seria o idealizador e fundador de toda a teologia cristã e teria inclusive escrito uma “nova história” da vida de Jesus da maneira que mais lhe parecia interessante para a fundação da religião cristã.

Com o interesse de “cercar” a obra *O Futuro de Uma Ilusão*, a fim de compreendê-la minimamente enquanto construção teórica sistemática e fazer uma leitura ampla do encadeamento conceitual exposto nela, devemos nos ater brevemente a uma leitura do diálogo entre Freud e seu amigo pastor Oskar Pfister que muito influenciou na estrutura de seus discurso e criação conceitual.

3.3. FREUD X PFISTER: O DIÁLOGO ENTRE O *AUFKLÄRER* E O PASTOR

A relação de amizade entre o pai da psicanálise e o pastor Oskar Pfister é de extrema importância para a leitura da obra *O Futuro de Uma Ilusão*. Semanas antes da publicação de seu texto, Freud o anuncia a Pfister em uma carta:

Nas próximas semanas sairá um opúsculo meu que muito tem a ver com o senhor. Eu já o teria escrito há muito tempo, mas o adiei em consideração ao senhor, até que a pressão interna se tornou mais forte. Trata – o que é fácil de adivinhar – de minha posição radicalmente contrária à religião, em todas as suas formas e derivações, e, mesmo que isso não constitua novidade para o senhor, eu temia e ainda temo que uma declaração pública de tal natureza possa ser-lhe muito desagradável. O senhor me fará depois saber que grau de tolerância e compreensão ainda consegue ter com esse herege incurável. (FREUD, S., PFISTER, O., 1998, p. 146)

A correspondência supracitada faz parte de uma coletânea de cartas entre Freud e Pfister que foram preservadas. Não é possível ter acesso a toda a correspondência trocada entre os amigos durante trinta anos, pois, como escreve Freud em uma correspondência de 1º de junho de 1927, a pedido de Pfister, as cartas do ano de 1912 foram destruídas, somente restando umas poucas de

conteúdo impessoal (FREUD, 1998)¹⁴. Além disso, outras cartas se perderam no momento do exílio de Freud, causando assim, uma perda de conteúdo das possíveis correspondências de março de 1913 a outubro de 1918. No que tange à presente pesquisa, porém, há conteúdo suficiente para compreendermos as implicações da relação entre Freud e Pfister na redação, publicação e recepção da obra de Freud.

Mais de uma vez encontramos correspondências de Freud, inclusive a Jung, em que ele confessa que Oskar Pfister fazia bem a ele, o que é, no mínimo, curioso, já que os dois apresentam *Lebens-Auffassungen* (modos de conceber a vida) fundamentalmente diferentes¹⁵. Há relatos do próprio Freud de que, após estabelecida a amizade com Pfister, um “clérigo altruísta”, o psicanalista chegou a atender gratuitamente pacientes que não podiam pagar seus honorários e precisavam de tratamento. Além disso, o pastor era muito querido pela família de Freud, especialmente pelas crianças, que o recebiam sempre com muita alegria.

O que há de mais interessante na relação entre Freud e Oskar Pfister para a presente dissertação, no nosso ponto de vista, é a crítica do pastor à ideia de religião como ilusão e a confiança depositada por Freud na Ciência.

Para que se compreenda a motivação de tal crítica, porém, é importante que compreendamos que a relação de Freud e Pfister era uma amizade que resistiu, por muito tempo, à diversidade de concepções de vida e de visões de mundo. Houve entre os amigos, sobretudo tolerância às diferenças, mas as mesmas diferenças só poderiam resultar em diferentes formas de conceber e compreender os problemas teóricos e práticos da psicanálise.

Pfister acreditava na possibilidade de aproximar a psicanálise de uma filosofia idealista, que marcou sua formação, para a partir de então aproximá-la de suas crenças religiosas, sua fé. Enquanto isso, Freud buscava legitimar a psicanálise

¹⁴ Na edição original, a Carta data de 1º de janeiro de 1927. (Correspondência, 104; *Briefe*, 115)

¹⁵ Faz-se referência às cartas de Jung de 14 de fevereiro e 16 de maio de 1909, 18 anos antes da publicação de *O Futuro de Uma Ilusão*. (*Briefwechsel*, 228, 246).

como ciência e para isso não poderia transpor os limites da ciência positivista, nem concordar com as aproximações desejadas por Pfister.

As diferentes posturas adotadas diante da filosofia – considerando seu valor e a possibilidade de aproximações entre a mesma e a psicanálise – determinaram posicionamentos diferentes também no que se refere à teoria psicanalítica. A noção de pulsão de morte, por exemplo, é recusada e criticada por Pfister, que tinha uma postura otimista e esperançosa diante da vida, motivado por suas convicções religiosas. Após a publicação de *O Mal-estar na Civilização*, Freud convida Pfister para “criticar livremente o seu livro” e, atendendo ao convite, o pastor escreve em uma carta ao amigo:

Considero a pulsão de morte uma redução da “força vital”, não uma verdadeira pulsão [...] vejo a cultura repleta de tensões; assim como no homem dotado de vontade o *status praesens* se confronta com o sonhado *status futurus*, assim também na cultura; e assim como seria errôneo ver nos fatos reais dos indivíduos a sua totalidade, sem levar em conta seus esforços seria igualmente errôneo julgar a cultura levando em consideração apenas os horrores da cultura, diante dos quais estão também, afinal de contas, suas delícias. (FREUD, S., PFISTER, O., 1998, p. 174)

Ao responder à crítica de Pfister, Freud já aponta que o amigo, por não compreender que a necessidade das pulsões de morte e sua fundamentação na biologia e na psicologia, poderia tender à ilusão:

Quando ponho em dúvida que o destino da humanidade seja avançar para uma perfeição ainda maior no caminho da cultura, quando vejo na sua vida uma luta continuada entre Eros e pulsão de morte, cujo resultado me parece incerto, creio não expressar com isto quaisquer das minhas próprias características constitucionais ou disposições afetivas adquiridas. Não sou um masoquista nem uma pessoa “pesada”; de bom grado desejo algo de bom pra mim e para os

outros, e também acharia mais agradável e confortante poder contar com um futuro tão luminoso. Parece-me novamente um caso de luta entre ilusão (realização de desejo) e conhecimento. Não se trata de modo algum de aceitar o que seja mais agradável ou cômodo e vantajoso para a vida, e sim o que mais se aproxima de enigmática realidade que existe fora de nós. A pulsão de morte não é nenhuma necessidade íntima pra mim, ela representa apenas uma hipótese iniludível a partir de razões biológicas e psicológicas. Disto se deduz todo o restante. Meu pessimismo aparece-me então como resultado; o otimismo dos meus adversários, como uma pressuposição. Eu poderia também dizer que fiz um casamento de conveniência com minhas teorias sombrias [e que] os outros vivem com as suas num casamento por simpatia. Espero que assim eles se tornem mais felizes do que eu. (FREUD, S., PFISTER, O., 1998, p. 176)

Nota-se que as diferenças de concepções entre Freud e Pfister apontam sobretudo para uma grande diferença de orientações morais, bem como os fundamentos e objetivos destas. É também sob este ponto de vista – moral – que Pfister lerá os objetivos de Freud com a publicação de *O Futuro de Uma Ilusão*, que, segundo ele, apesar de desembocar numa “ilusão científica”, eram libertar a humanidade de uma possível alienação pela religião.

Freud, em seu texto de 1927, escreve usando um interlocutor opositor imaginário, a quem se refere constantemente e com quem trava um debate. Este interlocutor seria seu amigo Oskar Pfister, que tinha total liberdade para pronunciar-se a respeito do escrito.

O tom combativo e agressivo com que Freud aborda o tema da religião provocou uma das mais fortes polêmicas suscitadas por sua obra. Pesquisadores como Ernest Jones e Peter Gay dedicaram um espaço em seus trabalhos para mostrar a grande quantidade de escritos que surgiram em resposta a *O Futuro de Uma Ilusão* logo após sua publicação.

Em *O Mal-estar na Civilização* (1974) Freud declara que já esperava as críticas e os ataques, aos quais já estava habituado e que, quando se defende a

denúncia dos desejos e a aceitação do destino, deve-se compreender e suportar esse tipo de críticas.

Oskar Pfister foi um dos críticos da obra que analisamos aqui. Ele publica *A Ilusão de Um Futuro*, na Revista *Imago*, em resposta a *O Futuro de Uma Ilusão*, de Freud. Os amigos apresentavam posturas completamente divergentes com relação à filosofia, arte e religião, mas a relação de tolerância entre os mesmos suscitou mútuas contribuições. Para Pfister “um adversário de espírito poderoso é seguramente mais útil a religião que mil adeptos que não servem pra nada” (FREUD, E. L., MENG, H., 1998, p. 146-147).

O respeito pelas divergências entre ambos era evidente e Pfister sempre declarou sua tolerância para com o ateísmo de Freud. Diante disso, sentia-se à vontade para expressar suas opiniões: “Não me levará a mal se eu também, neste caso, expressar livremente minha posição discrepante” (FREUD, S., PFISTER, O., 1998, p. 147). Freud acolherá tal opinião muita receptividade, considerando interessante ter uma resposta pública – de Pfister – ao seu opúsculo, que parecia ser bem mais “construtiva” do que as outras que Freud já esperava.

Apesar desse diálogo declarando amizade e tolerância mútua, após a leitura de *O Futuro de Uma Ilusão* Pfister adota um tom um pouco mais duro e combativo com relação a Freud e suas convicções, ressaltando agora as divergências entre ambos: “não posso discutir com o senhor sobre religião, porque o senhor rejeita totalmente a filosofia, porque possui uma opinião sobre arte muito distinta da minha e porque considera a moral algo evidente. Sobre essas questões eu penso de forma totalmente diferente”. (FREUD, S., PFISTER, O., 1998, p.147)

O próprio Freud comenta que em *O Futuro de Uma Ilusão* manifesta suas posições pessoais a respeito do fenômeno religioso e essas, já sabemos, são completamente diferentes das de Pfister. Segundo o pastor, a forma como Freud interpreta a religião é fruto de sua relação com a mesma desde o início de sua vida e de sua experiência com o judaísmo. É neste ponto que reside também a diferença entre os dois em seu modo de ver a religião.

A principal diferença entre nós reside, provavelmente, em que o senhor cresceu perto de formas patológicas de religião, as quais considera como “a religião”, enquanto eu tive a sorte de poder dirigir-me a uma forma livre de religião. Ao senhor, esta religião parece ser um esvaziamento do cristianismo, mas, pra mim, é o centro e a substância do Evangelho. (FREUD, S., PFISTER, O., 1998, p. 162)

A preocupação de Freud, porém, era deixar claro que as posições apresentadas em sua obra representam a sua opinião, e não a interpretação da psicanálise. É também pensando nisso que Pfister decide publicar sua crítica ao texto de Freud na Revista *Imago*, para que o público não identifique a opinião de Freud com a psicanálise e não cause nenhum dano ao movimento psicanalítico. Na carta de 26 de novembro de 1927, Freud ressalta o caráter não psicanalítico de sua obra:

Partamos do fato de que as opiniões contidas no trabalho não constituem partes integrantes do edifício doutrinário da psicanálise; constituem minhas posições pessoais, que coincidem com a de muitos não-analistas e aspirantes à psicanálise, e certamente não é partilhada por muitos analistas fiéis. Se utilizei certos argumentos psicanalíticos – na realidade, utilizei apenas um – isto não deve impedir ninguém de empregar esse método imparcial de análise também para expressar uma opinião contrária. (FREUD, S., PFISTER, O., 1998, p. 156)

A afirmação de Freud de que haveria utilizado apenas um argumento psicanalítico, o que advém do conceito de ilusão, nos interessa não somente porque esta “afirmação/confissão” dá margem a Pfister para fazer sua crítica, mas também porque nos oferece uma possibilidade de realizar uma leitura não propriamente psicanalítica de sua obra.

O pastor pensa de maneira semelhante a Adorno e Horkheimer sobre a ideia de esclarecimento do movimento que naquele momento tanto influenciou o pensamento de Freud (vimos, no final do segundo capítulo, que segundo os filósofos Frankfurtianos, o esclarecimento é uma ilusão). Segundo Pfister a proposta de Freud de substituição da religião pela ciência é a proposta de uma substituição de uma ilusão por outra.

Pfister reconhece que as ideias religiosas sejam permeadas pelo desejo, mas afirma que este fenômeno não ocorre somente com a religião, mas também com a ciência, a arte e a moral:

Antes disso, é característico do próprio desenvolvimento do espírito humano, tão cheio de esperanças sempre frustradas, aspirar, através da religião e da ciência, assim como da arte da moral, a realizar seu ideal, recusando certos desejos graças a pensamentos conscientes e realistas e, por sua vez, mobilizando os últimos pela força do próprio desejo (PFISTER, 2003, p. 512).

Assim, religião e ciência, de acordo com Pfister, podem ser consideradas inscritas no registro da ilusão. E Freud, em *O Futuro de Uma Ilusão*, que sempre pareceu um “pessimista inveterado” aparece com um “otimismo injustificado”, já que a ciência não teria todas as características que Freud queria fazer acreditar em seu texto de 1927.

A despeito da leitura crítica de Pfister sobre *O Futuro de Uma Ilusão*, é necessário ainda analisar o “otimismo injustificado” freudiano. Por isso, no próximo tópico veremos de que forma o discurso cientificista freudiano, criticado por Pfister, se insere em sua obra.

3.4. A INSERÇÃO DE O FUTURO DE UMA ILUSÃO NA OBRA FREUDIANA

É importante compreender de que forma o texto de 1927 que aqui tratamos se insere no *corpus* freudiano. O projeto de estabelecimento da psicanálise enquanto ciência e seu afastamento da filosofia começa a ser escrito muito antes da publicação deste livro. Lemos até aqui as influências – filosóficas principalmente – que possibilitaram a escrita deste texto, mas, lembrando que nosso objetivo é ler o Freud filósofo, precisamos entender o seu pensamento de maneira sistemática, a forma como vai se construindo o discurso cientificista que aqui analisamos. Para tanto, faremos uma breve contextualização de O Futuro de Uma Ilusão na obra freudiana, buscando as origens do pensamento expresso nesta obra.

3.4.1. ANTECEDENTES DE O FUTURO DE UMA ILUSÃO: O PROJETO DE AFASTAMENTO DA FILOSOFIA

Em 1890, Freud critica os médicos por se preocuparem somente com as patologias do corpo e deixarem o problema do psiquismo para os filósofos estudarem. Neste sentido, a medicina seria uma área do conhecimento que se afasta da filosofia a medida em que se interessa somente pelo aspecto físico das doenças. É necessário porém, que a medicina se volte também para as questões somáticas, os efeitos que as patologias psíquicas podem causar ao corpo, para que esta problemática seja tratada segundo a ótica científica e possibilite maior eficiência no tratamento das patologias psíquicas, principalmente aquelas que influenciam na saúde do corpo. Para tanto, seria necessário criar uma disciplina médica que estude as influências do estado psíquico sobre o estado do corpo, sem que necessite deixar de ser ciência ou passe a ser filosofia.

Deste modo, já em 1890, a necessidade da psicanálise e seu afastamento da filosofia e aproximação da ciência são declarados. Mais tarde, Freud justificará tal declaração por meio de uma crítica a forma como a filosofia encara o psiquismo. Em

1900, Freud publica *A interpretação dos Sonhos*, livro no qual ele critica a filosofia por estabelecer uma correspondência entre consciência e psiquismo. Neste momento, ele afirma que é papel da psicanálise assumir a tarefa de compreender os processos inconscientes e trazer esta discussão para o âmbito científico.

Os processos inconscientes foram negados pela filosofia, pois para esta área do conhecimento consciência e psiquismo se equivalem, e pela psicologia, pois concordando com a filosofia, considerava um contrassenso qualquer avaliação médica do inconsciente.

Em 1904, Freud propõe em suas Conferências, finalmente, afastar de forma definitiva a psicanálise da filosofia para que esta primeira seja, em um futuro próximo, reconhecida como ciência. É necessário atentar, porém, para o fato de a psicanálise e a filosofia terem discursos extremamente distintos, ambas podem falar em inconsciente, mas para a filosofia isto significaria apenas o contrário de consciente. Já a psicanálise pretende ser a ciência que tem como objeto de estudo o inconsciente.

Anos depois, Freud abandona parcialmente o empreendimento de afastar a psicanálise da filosofia e se volta para a prática da clínica psicanalítica e o seu estabelecimento enquanto prática científica. Em *Recomendações aos Médicos que Exercem a Psicanálise*, texto de 1912, Freud afirma que a técnica da psicanálise decorre da experiência clínica. Esta afirmação é retomada em 1913, no texto *Sobre o Início do Tratamento*, acrescentando uma prévia da ideia de que a técnica psicanalítica não pode ser mecanizada e que seu emprego e condução não são incondicionais, mas podem ser alterados devido a uma série de variantes, inclusive do sujeito analisado.

A partir desta última afirmação a possibilidade da psicanálise ser “elevada” ao status de ciência passa a ser questionável, já que a ciência adota uma metodologia experimental que trabalha com objetos determinados, experimentáveis quantitativamente e verificáveis. O psiquismo humano ou o inconsciente não se

encaixam nessas exigências. Por isso, Freud precisaria se esforçar mais e de maneira diferente para estabelecer a psicanálise entre as ciências.

Em 1918, Freud retoma a discussão sobre o afastamento entre psicanálise e filosofia após afirmar que a primeira não é um conhecimento acabado, mas ainda está em construção. A filosofia parece para Freud um grande problema que, a despeito do seu esforço de instituir a psicanálise enquanto ciência, deve ser negado enquanto *Weltanschauung*, pois a psicanálise, ainda que adote alguma *Weltanschauung* esta não será imposta aos seus pacientes.

3.4.2. A DÉCADA DA PUBLICAÇÃO DE O FUTURO DE UMA ILUSÃO

Em Além do Princípio de Prazer, texto publicado no primeiro ano da década de O Futuro de Uma Ilusão, Freud muda sua postura diante da filosofia e traz em seu texto algumas referências, ainda que frouxas, a filósofos como Platão, Empédocles e Kant, além de se referir diretamente à especulação psicanalítica. Em Freud (1920), as referências aos filósofos já citados representam “tentativas de acompanhar uma ideia sistematicamente” (p. 35), no sentido de demonstrar que aquelas especulações já foram pensadas de maneira semelhante por grandes filósofos.

Em 1925, dois anos antes da publicação de O Futuro de Uma Ilusão, Freud publica Resistências à Psicanálise, texto no qual ele retoma o discurso de que a noção de psiquismo é diferente para a filosofia e a psicanálise. Um pouco depois, no ano de publicação do texto que aqui estudamos, em A Questão da Análise Leiga (1927/ 1996), o autor retoma a questão do estabelecimento da psicanálise enquanto ciência e da sua relação com a filosofia:

Nós a desenvolvemos lentamente, lutando com todos os pequenos detalhes da mesma, temo-la modificado sem cessar, mantendo um continuo contato com a observação, até que ela finalmente adquiriu uma forma na qual parece ser suficiente para nossas finalidades. [...] A ciência, como se sabe, não é uma revelação; muito depois de seus primórdios ainda lhe faltam os atributos de determinação, imutabilidade e infalibilidade pelos quais o pensamento humano tão profundamente anseia. (p.187)

Para Freud, a psicanálise não pode ser identificada com uma filosofia cujo sistema é revelado, mas com uma ciência que é gradativa e trabalhosamente construída. Ainda que o conhecimento gerado e as problemáticas abordadas pela psicanálise em muito se aproxime da filosofia, o processo anterior a esses resultados se enquadra no processo científico. A psicanálise é justificada como ciência psicanalítica porque fundamenta o seu estudo do psiquismo humano na análise e explicação dos sonhos e dos sintomas neuróticos. O estudo dos sonhos é, inclusive, o que diferencia a ciência psicanalítica de uma psicologia que não pode compreender o psiquismo humano.

A ciência psicanalítica, segundo seu fundador, não rejeita o que ele chama de “modo popular de pensar”, mas utiliza as construções populares de pensamento, os sistemas filosóficos e especulações da literatura para torna-las úteis do ponto de vista científico, a partir de suas teorias. Segundo Freud, a psicanálise não apenas se constitui enquanto ciência, mas também contribui para as ciências humanas, a partir de um conhecimento que se diferencia da medicina, da psiquiatria e da filosofia.

3.4.3. ESCRITO APÓS O FUTURO DE UMA ILUSÃO: A QUESTÃO DE UMA WELTANSCHAUUNG

Em sua conferência de 1932, A Questão de uma Weltanschauung, Freud retoma a discussão sobre a relação entre psicanálise, filosofia e ciência,

questionando se a psicanálise conduziria a uma determinada *Weltanschauung* e qual seria. Antes ele esclarece o que compreende por *Weltanschauung*:

Em minha opinião, a *Weltanschauung* é uma construção intelectual que soluciona todos os problemas de nossa existência, uniformemente, com base em uma hipótese superior dominante, a qual, por conseguinte, não deixaria nenhuma pergunta sem resposta e na qual tudo o que nos interessa encontra seu lugar fixo. Facilmente se compreenderá que a posse de uma *Weltanschauung* desse tipo situa-se entre os desejos ideais dos seres humanos. Acreditando-se nela, pode-se sentir segurança na vida, pode-se saber o que se procura alcançar e como se pode lidar com as emoções e interesses próprios da maneira mais apropriada. (FREUD, 1932/ 1996, p.155)

A necessidade de adotar uma *Weltanschauung* reflete o desejo humano por segurança, já que esta visão responde aos mais inquietantes questionamentos acerca da nossa existência. Porém, a psicanálise enquanto ciência específica, que trata do inconsciente, não pode constituir sozinha uma *Weltanschauung* particular, mas se utiliza daquela construída pela ciência.

A partir desta afirmação, Freud retorna à crítica da filosofia e a identifica com uma ilusão, ao passo que a ciência – incluindo a psicanálise – estaria relacionada com a realidade, já que a filosofia, além de se aproximar da paranoia construindo grandes sistemas que pretendem ser totalizantes, derivaria quase sempre da revelação, desprezando a metodologia científica que é construída lentamente, seguindo um método não apenas de observação, mas também de experimentação, específico. Neste sentido, Freud apresenta a *Weltanschauung* científica:

A *Weltanschauung* da ciência, porém, já diverge muito de nossa definição. É verdade que também supõe a *uniformidade* da explicação do universo; mas, o faz apenas na qualidade de projeto, cuja realização é relegada ao futuro. Ademais, marcam-na

características negativas, como o fato de se limitar àquilo que no momento presente é cognoscível e de rejeitar completamente determinados elementos que lhe são estranhos. Afirma que não há outras fontes de conhecimento do universo além da elaboração intelectual de observações cuidadosamente escolhidas - em outras palavras, o que podemos chamar de pesquisa - e, a par disso, que não existe nenhuma forma de conhecimento derivada da revelação, da intuição ou da adivinhação. Parece que esse ponto de vista chegou muito perto de obter reconhecimento geral, no curso dos últimos séculos; e coube ao nosso século manifestar a atrevida objeção segundo a qual uma *Weltanschauung* como esta é simultaneamente muito pobre, sem esperança, e despreza as reivindicações do intelecto humano e as necessidades da mente do homem. (FREUD, 1932/ 1996, p. 156)

Apesar da filosofia ser apresentada como uma disciplina fundada em uma *Weltanschauung* que pode ser compreendida como ilusão, e estar hierarquicamente abaixo da ciência, ela não é uma inimiga desta última. Este lugar, de inimiga da ciência é ocupado pela religião:

Dos três poderes que podem disputar a posição básica da ciência, apenas a religião deve ser considerada seriamente como adversária. A arte quase sempre é inócua e benéfica; não procura ser nada mais do que uma ilusão. Excetuando algumas pessoas que se diz serem 'possessas' pela arte, esta não tenta invadir o reino da realidade. A filosofia não se opõe à ciência, comporta-se como uma ciência e, em parte, trabalha com os mesmos métodos; diverge, porém, da ciência, apegando-se à ilusão de ser capaz de apresentar um quadro do universo que seja sem falhas e coerente, embora tal quadro esteja fadado a ruir ante cada novo avanço em nosso conhecimento. (FREUD, 1932/ 1996, p.157)

Assim, a filosofia e a arte não se opõem a ciência, como a religião, e ambas são ilusões. É também por isso, que Freud afasta a psicanálise da filosofia, para que suas teorias não sejam consideradas componentes de uma filosofia e, portanto

ilusões, pois ainda que o discurso filosófico se fundamente na lógica e na razão, o conhecimento gerado pela filosofia, ao se apegar às ilusões, pode ser considerado inferior a ciência.

Para Freud o processo analítico se compara ao fazer científico, persistente e trabalhoso. Cientistas e psicanalistas têm trabalhos semelhantes, pois ambos trabalham com a observação, a construção de hipóteses que são corroboradas ou refutadas a partir de novas observações. Assim, a psicanálise compartilha da *Weltanschauung* científica não apenas na medida em que rejeita as ilusões e se preocupa com a realidade, mas também porque adota – parcialmente – o método científico.

Toda a preocupação de Freud em manter sua ciência psicanalítica distante de ilusões e sempre próxima do método científico, deriva da influência do iluminismo sobre seu pensamento. Poderíamos nos perguntar porém, como Freud responde ao questionamento sobre a possibilidade de, com seu discurso cientificista em *O Futuro de Uma Ilusão*, ter colocado a ciência também no lugar de ilusão, como vimos na fala de seu amigo Oskar Pfister.

Ora, em *A Questão de Uma Weltanschauung*, Freud chama de anarquismo intelectual a crença de que a verdade não existe e deve ser sempre relativizada, assim como a ciência é tanto ilusão quanto a religião, a filosofia e a arte. Esta visão, do anarquista intelectual, faz crer que não há conhecimento da realidade que possa ser considerado seguro, pois não existiria critério de verificação da verdade, que possa distingui-la das ilusões. Porém, Freud não tece grandes comentários sobre essa questão e finaliza o assunto:

A teoria anarquista soa como sendo maravilhosamente superior enquanto se refere a opiniões sobre coisas abstratas mas desmorona ao primeiro passo que dá na vida prática. [...] é o mesmo espírito científico que especula acerca da estrutura dos átomos, ou acerca da origem do homem, e que planeja a construção de uma ponte capaz de suportar uma carga. Se isso em que acreditamos

fosse realmente coisa sem importância, se não houvesse aquilo que se chama conhecimento, e que se diferencia das opiniões por corresponder à realidade, poderíamos construir pontes tanto com papelão como com pedras [...] Mas os próprios anarquistas intelectuais rejeitariam tais aplicações práticas de sua teoria. (FREUD, 1932/ 1996, p.172)

É a prática que dá valor à ciência e é pela sua prática que a psicanálise deve, segundo Freud, se estabelecer como ciência. Diante disto, Freud conclui que a psicanálise não é capaz de criar uma *Weltanschauung*, mas por se encontrar – a partir de sua prática – hierarquicamente no mesmo patamar da ciência, ela pode compartilhar da *Weltanschauung* da ciência, que ainda não está acabada nem anula a existência de outras *Weltanschauungs*, não resolve ainda muitos problemas e nem constrói sistemas completos, mas é uma forma de pensar legítima.

A identificação da psicanálise com a *Weltanschauung* científica é um dos motivos pelos quais Freud defende tão eloquentemente o cientificismo em seu discurso de 1927. É interessante perceber como, na Conferência de 1932 sobre A Questão da *Weltanschauung*, Freud retoma a noção de ilusão, agora aplicada também à filosofia e à arte e, a partir de um discurso menos “militante”, defende a relação entre a ciência e a realidade.

3.5. O FUTURO DE UMA ILUSÃO: APONTAMENTOS FINAIS

Não, nossa ciência não é ilusão. Seria ilusão, porém, acreditar que pudéssemos conseguir em outra parte aquilo que ela não pode nos dar. (FREUD)

Na primeira e na segunda parte de O Futuro de Uma Ilusão, Freud insere sua obra em seus textos sobre a cultura, ressaltando a característica de renúncia e

coerção da cultura. A cultura, segundo ele, é uma construção que depende da renúncia humana às pulsões e da coerção ao trabalho. Diante disto, poderíamos perguntar qual a relação entre o tema central de sua obra e aquele abordado no início da mesma. Para Freud, a religião deveria ser útil à cultura, enquanto “incentivadora” das renúncias pulsionais, tão importantes para o desenvolvimento da civilização. Talvez a principal crítica de Freud a religião seja justamente por ela não cumprir o seu papel de ajudar o homem na renúncia às pulsões. Por isso, é necessário considerar a relação entre a leitura freudiana da religião e sua leitura da civilização. Ambas as leituras são atravessadas pela influência do iluminismo em seu pensamento, como discorreremos no capítulo e tópicos anteriores.

A influência do pensamento iluminista está presente em toda a obra *O Futuro de Uma Ilusão*, cujo centro é a discussão a respeito da religião. Os temas ilusão e ciência são ligados ao da religião pelo discurso freudiano, cujo tom é moldado pelo pensamento iluminista. Neste texto de 1927, a religião aparece como ilusão e inimiga da ciência. Esta informação é somada a duas novas figuras, em 1932, a filosofia e a arte, que também são ilusão, mas não se opõem a ciência.

Freud investe explicitamente na ciência, diante da oposição entre esta e a religião, como se fosse um “militante do iluminismo”, um teórico que milita apaixonadamente pela razão científica e pela sua *Weltanschauung* como potência para a superação das ilusões humanas e potência formadora de uma educação que oriente para a evolução e o avanço das opiniões – científicas – e do conhecimento.

Ainda que a religião e as ideias religiosas objetivem proteger o homem da experiência de desamparo, ela impede o indivíduo de confrontar-se com essa realidade, ao contrário do que poderia fazer uma “educação para a realidade”, cuja necessidade Freud indica em *O Futuro de Uma Ilusão*.

Tal educação visa levar o homem a sair de seu “infantilismo”, a compreender sua condição e a aprender a lidar com a “vida hostil”, como descreve Kant em seu texto *O que É Iluminismo?*, a passagem da minoridade à maioridade, uma “educação para a realidade”, aproximaria o homem da realidade, e por conseguinte,

da ciência e da *Weltanschauung* científica, proporcionando sua independência das ilusões das ideias religiosas.

Nota-se que a atividade científica exige do sujeito que ele reconheça sua condição de falibilidade e desamparo, pois o desejo de saber que guia qualquer atividade científica ou investigação em busca de conhecimento só é possível a partir deste reconhecimento.

É no contexto do movimento iluminista do século XVIII que se estabelece sistematicamente a oposição entre os discursos e as *Weltanschauung* da ciência e da religião. Em *O Futuro de Uma Ilusão*, Freud retoma esta oposição colocando ainda a ciência como uma espécie de mola impulsadora para o futuro e a religião como face do passado, de uma ordem tradicional antiga, que representa um estágio a ser ultrapassado e substituído pela ciência, que evolui e avança. Sabe-se, porém, que esta ciência tão evocada por Freud tem como referência a ciência psicanalítica. Afinal, mais do que qualquer outra, esta ciência dá condições para que o sujeito encare o desamparo e assim, se desvencilhe de qualquer ilusão.

O projeto iluminista trazia a promessa da felicidade que se alcançaria por meio da razão científica, pois a partir dela seria possível pensar e construir uma sociedade igualitária, além de manipular a natureza de forma a beneficiar o homem. Este discurso é retomado em 1932, na Conferência sobre a *Weltanschauung*, no qual Freud finaliza seu projeto de justificar a inscrição da psicanálise no meio científico. Neste discurso, ainda que só a religião seja considerada inimiga da ciência, a filosofia também é contraposta a ciência e à psicanálise, já que as duas últimas combatem a ilusão e a filosofia também se funda em ilusões. A filosofia não é inimiga da ciência pois não atinge grande parte da população, mas apenas uma parte da elite dos intelectuais, já a religião atinge grande número de indivíduos em todas as camadas da sociedade.

Entre a religião e a ciência, Freud declara que a ciência jamais seria uma ilusão e que é ela que deverá auxiliar o homem a responder seus questionamentos acerca da própria existência e a compreender a realidade. Aquilo que a ciência não

responde o que ela ainda não pode nos dar, não poderemos encontrar em outro lugar, acreditar nisso seria ilusão. É com esta afirmação que Freud termina *O Futuro de Uma Ilusão*, elevando ao extremo a máxima iluminista de confiança na razão científica.

Sobre a frase final de *O Futuro de Uma Ilusão*, com a qual iniciamos este último tópico de nossa dissertação, Paulo Margutti (1997, p. 174) comenta que nos remete ao aforismo 6.52 do *Tatactus Logico-Philosophicus* de Wittgenstein:

Sentimos que mesmo todas as questões científicas *possíveis* tenham obtido resposta, nossos problemas de vida não terão sido sequer tocados. É certo que não restará, nesse caso, mais nenhuma questão; e a resposta é precisamente essa. (2008, p. 279)

O aforismo de Wittgenstein parece trazer uma crítica ao pensamento cientificista freudiano presente em *O Futuro de Uma Ilusão*, aquela também feita por Oskar Pfister:

Devo confessar que, com toda satisfação que sinto pelos progressos da ciência e da técnica, não creio na suficiência e na capacidade dessa solução do problema da vida. A questão importante é se, depois de tudo, o progresso científico tornou os homens melhores e mais felizes. (FREUD, E. L., MENG, H., 1998, p. 153)

A razão científica se apresenta no discurso de Freud em seu texto de 1927 como o substituto ideal da religião. É ao julgamento razão que todas as produções humanas devem se submeter, inclusive as ideias religiosas, que almejam o estatuto de verdadeiras:

Acima da razão não há tribunal a que apelar. Se a verdade das doutrinas religiosas depende de uma experiência interior que dá testemunho dessa verdade, o que se deve fazer com as muitas pessoas que não dispõem dessa rara experiência? (Freud, 1927/1976, p. 40)

Segundo Freud, a religião apresenta muitas falhas, entre elas, a de não atender às expectativas da humanidade, o que resulta em seu descrédito. Ciência e religião fazem parte de universos epistêmicos diferentes, não convivem sobre mesmo solo. Somente os homens que não tivessem contato com o conhecimento científico, em algum tempo, poderiam continuar ligados à Weltanschauung religiosa.

Assim, se a religião não responde a todos os anseios humanos ou não resolve a todos os problemas que se propôs, cabe a ciência assumir este papel. A religião exerce a função de suavizar o sentimento de desamparo, auxiliar na manutenção da civilização, estimulando a renúncia às pulsões, e prometer recompensas na vida após a morte. A ciência muito embora não prometa que há vida após a morte, poderá ocupar o lugar da religião e exercer suas mais importantes funções:

Nosso Deus Logos atenderá todos esses desejos que a natureza a nós externa permite, mas fará de modo muito gradativo, somente num futuro imprevisível e para uma nova geração de homens. Não promete compensação para nós, que sofremos penosamente com a vida. No caminho para esse objetivo distante, suas doutrinas religiosas terão de ser postas de lado, por mais que as primeiras tentativas falhem ou os primeiros substitutos se mostrem insustentáveis (Freud, 1927/1976, p.68).

Devido a esta afirmação de Freud, muitos de seus críticos afirmam que ele não abandonou a crença, mas deslocou a fé na religião para a fé na ciência. Esta é a crítica feita por Pfister em *A Ilusão de Um Futuro* e é também a crítica feita por

muitos teólogos, como Paul Johnson (1964) – talvez o mais famoso teólogo crítico de Freud –, para quem não existe um só homem que não creia em alguma coisa. Segundo o teólogo, todos os homens são crentes, apenas o objeto da crença de cada um muda. Freud criticava os religiosos, mas não deixava de ter sua crença. Como herdeiro do iluminismo, cria na razão.

No entanto, apesar do cientificismo expresso em *O Futuro de Uma Ilusão*, a razão e a ciência não cumprem o seu propósito de responder ao homem tanto quanto a religião, já que esta última interfere diretamente na vida humana, no seu aspecto moral e na busca da felicidade, aspectos da vida que a ciência não pode alcançar. Em função disto, em 1925, no *Post scriptum* de seu *Estudo Autobiográfico*, Freud escreve sobre o referido texto:

Em *O Futuro de uma Ilusão* exprimi uma avaliação essencialmente negativa da religião. Depois, encontrei uma fórmula que lhe fazia melhor justiça: embora admitindo que sua força reside na verdade que ela contém, mostrei que a verdade não era uma verdade material, mas histórica. (Freud, 1976a, p.90)

O trecho supracitado nos remete as palavras de Oskar Pfister sobre o texto de Freud e o seu texto sobre este primeiro: “ *O Futuro de Uma Ilusão* e *A Ilusão de Um Futuro* encontram-se reunidos por uma fé poderosa cujo credo é: *a verdade vos libertará*” (PFISTER, 2003, p. 546), o texto freudiano de 1927 – como já foi dito – é evidentemente tomado por um otimismo cientificista que revela não somente a influência iluminista sobre o pensamento freudiano, mas também o desejo de inserção da psicanálise no registro da ciência, os referenciais filosóficos, ainda que negados, do autor e todo o contexto em que seu pensamento e sua obra estão inseridos, elementos que constituirão a “verdade libertadora” defendida por Freud em seu texto.

Assim, chegamos ao fim de nossa tentativa de ler as linhas de um filósofo defensor do cientificismo e da elevação de uma nova área do saber, ocupada do

inconsciente – conceito até então, segundo Freud, desconhecido pela filosofia –, ao status de ciência. Realizando uma breve genealogia do discurso cientificista na obra freudiana, como se estivéssemos diante de um sistema filosófico e entendendo cada novo argumento como resultado de um encadeamento entre conceitos e de diversas leituras anteriores.

4. CONCLUSÃO

Embora nosso enfoque neste trabalho seja a discussão sobre religião, ilusão e ciência em *O Futuro de Uma Ilusão* de Freud, nossa leitura é filosófica. Por isso, ao longo de nossa pesquisa, as interfaces entre religião, ciência e filosofia na obra de Freud se destacam. E para a compreensão da relação entre estes três campos do pensamento se faz necessário um estudo do contexto histórico da criação da psicanálise, escrita e publicação de *O Futuro de Uma Ilusão*, que é marcado pela sobreposição da ciência sobre a filosofia – com relação ao valor das análises do psiquismo –.

Muito embora a filosofia esteja em “desvantagem” com relação a ciência, no interesse de Freud, vimos que ele muito se interessou pela filosofia durante os anos em que frequentou a faculdade de medicina, onde assistiu aos seminários de Franz Brentano.

Admitindo que a filosofia era seu objetivo originário, como chega a escrever em uma carta de janeiro de 1897 a Fliess, Freud acreditava que se aproximaria mais da filosofia quando passasse da medicina para a psicologia. Em uma carta a Martha, Freud confessa que a filosofia é seu plano para o futuro.

Apesar do evidente interesse do jovem Freud pela filosofia, o seu desejo de que a psicanálise fosse reconhecida como ciência, aliado ao fato de que no meio científico a filosofia perdia valor, faz com que o autor de *O Futuro de Uma Ilusão* passasse a apresentar sempre – publicamente – o interesse de manter-se e manter sua psicanálise afastados da filosofia. No entanto, é possível ler ressonâncias do pensamento filosófico não apenas nos textos da metapsicologia, mas também em outros textos, como por exemplo o que estudamos aqui.

Em *Esboço de Psicanálise* (1938/1996), escrito de dez anos depois da publicação de *O Futuro de Uma Ilusão*, Freud define sua ciência psicanalítica:

Em nossa ciência, tal como nas outras, o problema é o mesmo: por trás dos atributos (qualidades) do objeto de exame que se apresenta diretamente à nossa percepção, temos de descobrir algo que é mais independente da capacidade receptiva particular de nossos órgãos sensoriais e que se aproxima mais do que se poderia supor ser o estado real das coisas. Não temos esperança de poder atingir esse estado em si mesmo, visto ser evidente que tudo que de novo inferimos deve, não obstante, ser traduzido de volta para a linguagem de nossas percepções, da qual nos é simplesmente impossível libertar-nos. Mas aqui reside a verdadeira natureza e limitação de nossa ciência (p.210).

A ciência psicanalítica, sempre em processo de construção, não pretende, segundo o seu fundador, oferecer respostas que devem ser tomadas como verdades definitivas. Neste ponto reside a primeira diferença entre a ciência criada por Freud e as ciências empíricas do seu tempo, das quais deveria derivar a identidade epistêmica da psicanálise. A análise do objeto da ciência psicanalítica não pode se dar somente pelos métodos usados pelas ciências naturais, há neste objeto de estudo algo que transcende a “capacidade receptiva particular de nossos órgãos sensoriais”.

Ainda que Freud quisesse identificar a psicanálise às ciências empíricas e afastá-la da filosofia, há sempre a necessidade de utilizar, na prática psicanalítica, construções especulativas e muitas destas erigem a partir da leitura filosófica do fundador desta ciência. Por isso, para que a epistemologia da ciência psicanalítica se utilize da linguagem da ciência é necessário que ela a transgrida.

É necessário afastar a psicanálise da filosofia, pois esta última utiliza a especulação como método e substitui a observação e pesquisa minuciosa sobre os fenômenos pela intuição. Este problema metodológico deve-se ao contexto histórico em que Freud formula sua ciência. Na tentativa de resolvê-lo, Freud destina um espaço em sua obra para as formulações psicanalíticas de cunho especulativo, a metapsicologia.

Assim, é impossível enquadrar a psicanálise somente no registro da ciência ou da filosofia. De acordo com seu fundador, em *As Resistências à Psicanálise* (1925):

Sucedee, então, que a psicanálise nada deriva, senão desvantagens, de sua posição intermediária entre a medicina e a filosofia. Os médicos a vêem como um sistema especulativo e recusam-se a acreditar que, como toda outra existência natural, ela se fundamenta numa paciente e incansável elaboração de fatos oriundos do mundo da percepção; os filósofos, medindo-a pelo padrão de seus próprios sistemas artificialmente construídos julgam que ela provém de premissas impossíveis e censuram-na porque seus conceitos mais gerais (que só agora estão em processo de evolução) carecem de clareza e precisão. (p.243)

É, no entanto, possível, como já afirmamos anteriormente, ler textos freudianos que se encontram fora da sua metapsicologia como se lê textos filosóficos, como fizemos em *O Futuro de Uma Ilusão*, analisando o encadeamento dos conceitos inscritos no discurso filosófico.

Além da evidente influência do iluminismo e do contexto histórico sobre o pensamento de Freud, é devido a sua necessidade de afastar a psicanálise da filosofia que Freud construirá seu discurso cientificista e, entendendo a religião como inimiga da ciência, formulará a sua crítica em *O Futuro de Uma Ilusão*.

Assim, o Deus do monoteísmo dá lugar, em *O Futuro de Uma Ilusão*, ao deus *logos*, levando o homem a superar a ilusão da religião e se aproximar do conhecimento da realidade. Este novo deus, que não é uma projeção do homem, como era o Deus da religião, segundo a leitura de Freud e de Feuerbach, significa a certeza de resposta aos maiores anseios dos homens e de extinção das ilusões que aprisionaram o homem até então.

Apesar de Freud ter declarado depois da publicação de sua obra que *O Futuro de Uma Ilusão* é seu pior livro, terminamos nossas considerações

defendendo-a, como fez Pfister no final de seu *A Ilusão de Um Futuro*, afirmando que o deus *logos* freudiano, ainda que também se fundamente em uma ilusão, é escrito com o objetivo de combater o sofrimento humano, a partir da ciência.

Diante disto, é necessário dizer que uma possível leitura filosófica de *O Futuro de Uma Ilusão* não se esgota nestas páginas ou no modo como procedemos na presente pesquisa. Nosso objetivo era, ao longo dos três capítulos, apresentar de que maneira é escrito o discurso cientificista freudiano em sua relação com a ideia de religião entendida como ilusão. Não pretendíamos abarcar as noções psicanalíticas presentes nesta obra, mas compreender a “genealogia” do discurso freudiano, buscando efetuar uma espécie de restauração histórica, de análise da origem dos conceitos que sustentam seu argumento e percorrer – ainda que brevemente – a teia que o envolve e o liga a outros argumentos importantes para a história da filosofia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO, **Confissões**. In: Os pensadores. São Paulo: Editora Abril Cultural

BETTELHEIM, B. (1991). **A Viena de Freud e outros Ensaio**s. Campinas: Editora Campus.

BIRMAN, J. **Freud e a Filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____. **As pulsões e seus destinos: Do corporal ao psíquico**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

_____. **Freud e a Filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BRANDÃO, José da S. In: FEUERBACH. **A Essência do Cristianismo**. RJ: Vozes, 2007.

CANGUILHEM, Georges. O que é a Psicologia? In: **Tempo Brasileiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1972.

DELRIEU, A. **Lévi-Strauss lecteur de Freud: le droit, l'inceste, le père, et l'échange des femmes**. Paris: Point hors ligne, 1993.

FEUERBACH, Ludwig. **Preleções sobre a essência da religião**. Tradução de José da Silva Brandão. 1ª edição. Campinas: Papyrus Editora, 1989.

_____. **A essência do cristianismo**. 2ª Edição. Trad. de Adriana Veríssimo Serrão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991.

_____. Ludwig. **Preleções sobre a essência da religião**. Tradução de José da Silva Brandão. 1ª edição. Campinas: Papyrus Editora, 1989.

_____. **A Essência do Cristianismo**. Tradução de José da Silva Brandão. 2ª ed. Campinas: Papyrus Editora, 1997.

_____. **A Essência do Cristianismo**. Tradução de José da Silva Brandão. RJ: Vozes, 2007.

_____. **A Essência do Cristianismo**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

FERRER, S. (org.). **Psicoanálisis en la cultura**. Buenos Aires:Asociacion Psicoanalítica Argentina, 1994.

_____. (1900) **A interpretação dos sonhos**. In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1907) **Delírio e sonho na Gradiva de Jensen**. In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1908 [1907]) **Escritores criativos e devaneios**. Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

_____. (1912) **Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise**. In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1916) **Conferencia XXVIII**. In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1918) **Linhas de progresso na terapia psicanalítica**. In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1920) **Além do princípio de prazer**. In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1923). *Psychanalyse et théorie de la libido*. In **Oeuvres complètes** (Vol. 16). Paris: Presses Universitaires de France, 1991.

_____. (1925) **Resistências à psicanálise**. In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1927) **A questão da análise leiga**. In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1928 [1927]) **Dostoieviski e o parricídio**. Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

_____. (1932) **Conferência XXXV A questão de uma Weltanschauung**. In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1938) **Esboço de psicanálise**. In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1989). Sigmund Freud. **Cartas de Juventud. Con correspondencia en español inédita**. Gedisa. Barcelona. 1992.

_____. (1925/1992). Autopréséntation. In **Oeuvres complètes** (Vol. 17). Paris: Presses Universitaires de France.

_____., & Zweig, S. (1995). **Correspondance**. Paris: Rivages Poche, Petite Bibliothèque.

_____. (1913). L'intérêt de la psychanalyse. In **Résultats, idées, problèmes I, 1890-1920**. Paris: Presses Universitaires de France, 1995.

_____. (1925 [1924]). **Um estudo autobiográfico** (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 20). Rio de Janeiro: Imago, 1976a.

_____. (1933) **Nouvelles suite des leçons d'introduction à la psychanalyse**. In **Oeuvres complètes** (Vol. 19). Paris: Presses Universitaires de France, 1995c.

_____. (1974) **O futuro de uma Ilusão, O mal-estar na civilização e outros trabalhos** Trad. José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago. (Edição Standart Brasileira das obras completas de Sigmund Freud, volume XXI)

_____. (1978) **O futuro de uma ilusão (Coleção “Os Pensadores”- vol. Freud).** Tradução de José Otávio de Aguiar Abreu p. 87-128. São Paulo: Abril Cultural, São Paulo.

_____, E. L., MENG, H. (Orgs.). **Cartas entre Freud e Pfister: Um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã.** Viçosa: Ultimato, 1998.

_____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud [ESB],** 24 vols, Imago, Rio de Janeiro.

_____. In: K. Wondracek (Org.). **O futuro e a ilusão: Um embate com Freud sobre psicanálise e religião** (pp. 17-56). Petrópolis, RJ: Vozes

FOUCAULT, Michel. **Nietzsche, Freud e Marx: Theatrum Philosophicum;** trad. Jorge Lima Barreto. Porto: Anagrama, 1980.

FUKS, B. **Freud e a Cultura.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (coleção primeiros passos).

GAY, P. **Um judeu sem Deus: Freud, ateísmo e a construção da psicanálise.** Rio de Janeiro: Imago, 1992.

_____. **Uma vida para o nosso tempo.** SP: Companhia das Letras, 2010.

_____. **O SÉCULO DE SCHNITZLER: A formação da cultura da classe média.** SP: Companhia das Letras, 2002.

_____. **Freud. Uma vida para nosso tempo.** Companhia das Letras. São Paulo, 1988.

HOBBSAWN, Eric. J., **A Era dos Impérios: 1875-1914,** RJ: Paz e Terra, 1988.

HORKHEIMER, M. & Adorno, T. W. O conceito de esclarecimento. In M, 1985.

_____. & T. W. Adorno (Orgs.), **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos** (G. A. Almeida, Trad., pp. 19-52). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1947

JOHSON, P. **Psicologia da religião**. São Paulo: Aste, 1964.

JONES, E. (1970). **Vida e Obra de Sigmund Freud**. Zahar Editores. Rio de Janeiro.

_____. (1989) **Sigmund Freud: Vida e obra**. Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1975). La vie et l'oeuvre de Sigmund Freud. In **Oeuvres complètes** (Vol. 3). Paris: Presses Universitaires de France. (Originalmente publicado em 1969)

JULIEN, P. **A psicanálise e o religioso: Freud, Jung, Lacan**. Trad. Claudia Berliner; revisão técnica Marco Antonio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Trad. Manuela P. dos Santos e Alexandre F. Morujão, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.

_____. **Resposta à pergunta: que é esclarecimento?**. S.P: Ed. Vozes, 2005.

KOLTAI, C. **Totem e Tabu: um mito freudiano**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. (Para ler Freud), 2011.

KÜNG, H. **Freud e a questão da religião**. Campinas, SP: Verus, 2006.

LAPLANCHE, J. e Pontalis, J.B. **Vocabulário da Psicanálise**. Santos: Martins Fontes, 1986.

MACH, E. (1992). **La connaissance et l'erreur**. Paris: Flammarionn.

MASSON, J. M. 1986 **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1887-1904**. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

MEZAN, Renato. **Freud, o pensador da Cultura**. São Paulo: Braziliense, 1986.

_____. Diálogo com Loparic. In: KNOBLOCH, F. (org.). **O inconsciente: várias leituras**. São Paulo: Escuta, p. 27-41, 59-72, 1991.

_____. Viena e as origens da psicanálise. In: PERESTRELLO, M. (Org). **A Formação Cultural de Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

_____. Viena Imaginária. In: **A vingança da Esfinge: Ensaios de psicanálise**. SP: Editora Brasiliense, 1988.

_____. **A trama dos conceitos**. São Paulo: Perspectiva, 1982.

MIJOLLA, A. (Org.). **Dicionário internacional da psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 2005.

MORANO, C. **Crer depois de Freud**. São Paulo: Loyola, 2003.

OLIVEIRA, Avelino da Rosa Oliveira, OLIVEIRA, Juliana Damasceno de. **Educação na crise da racionalidade**. Pelotas, 2006. *Disponível em:* < www.propesq.ufrsrgs.br > .

PFISTER, O. (2003) A ilusão de um futuro: Um embate amigável com o prof. Dr. In: K. Wondracek (Org.), **O futuro e a ilusão: Um embate com Freud sobre psicanálise e religião** (pp. 17-56). Petrópolis, RJ: Vozes,

OUTEIRAL, J. **Adolescer. Estudos sobre a adolescência**. Artes Médicas. 1990

PERESTRELLO, M. (org.). **A formação cultural de Freud**. Imago. Rio de Janeiro. 1996

PINTO, Paulo R. Magutti. Freud e Wittgenstein – a perspicácia do cientista e a sabedoria do filósofo. In: TEIXEIRA, Antônio; ROCHA, Guilherme Massara (orgs.). **Dez encontros da psicanálise e da filosofia – colóquios sobre psicanálise**. Belo Horizonte, Centro de Pós-Graduação em Filosofia da UFMG, 1997, p. 174.

Revista Língua Portuguesa. Edição: 59. Setembro de 2010. p. 60

RICOUER, P. La Psychanalyse et le mouvement de la couture contemporaine. In **Le Conflit des Interpretations**. Paris: Seuil, 1969.

_____. (1977) **Da interpretação: Ensaio sobre Freud**. Rio de Janeiro: Imago.

ROCHA, Z. (1994) A questão da diferença e do sujeito no horizonte filosófico da crítica da racionalidade moderna. **Síntese –Nova Fase**, 21 (67), 499-477.

_____. Freud, Moisés e o monoteísmo judaico: Contribuições para a leitura do livro “O homem Moisés e a religião monoteísta”. In **Freud: Aproximações** (pp. 365-422). Recife, PE: Editora Universitária da UFPE, 1995.

_____. Freud e a filosofia alemã na segunda metade do século XIX. **Síntese: Revista de Filosofia**, 2004.

ROUANET, Sérgio Paulo. **As razões do Iluminismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SAROLDI, N. **O mal-estar na civilização: as obrigações do desejo na contemporaneidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. (Para ler Freud), 2011.

SCHORSKE, C. E. **Viena Fin-de-Siècle: política e cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SCHUR, M. **Freud: Living and Dying**. Nova York: International Universities press. N.York, 1972

SOUZA, M. R. (2011). O conceito de esclarecimento em Horkheimer, Adorno e Freud: apontamentos para um debate. **Psicologia & Sociedade**, 23(3), 469-476.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus Logico-Philosophicus**. 3ª ed. SP: Edusp, 2008.

XENOFÁNES DE COLOFÃO. **Fragmentos (Coleção “Os Pensadores”- vol. Pré-Socráticos)**. Tradução de Anna Lia de Almeida Prado. 1ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1973.